

a desFrutada



edição nº01 - outubro 2023

Fotografia da capa “Transição”
de Gabi Assusção +

MANIFESTO

VALORES:
DIVERSIDADE
ANTIPATRIARCADO
ANTIRRACISMO
ANTICAPACITISTA
ANTIFASCISTA
DESFRENTE

a desFrutada

A Desfrutada nasceu da rebeldia. Transgredindo em coletivos, buscou um caminho próprio. Tudo o que tínhamos era uma ideia e inconformidade com a coletividade que não acolhe divergências. Justamente por isso, por pensar numa outra forma de se encarar aquilo que é compartilhado, que coletividade é um valor para A Desfrutada.

Diversidade é poder divergir e conviver. É coexistir com o que é diferente e gostar disso! Só temos a crescer com o que nos difere, só podemos aprender com o que não nos é familiar. Diversidade é mais do que um valor para A Desfrutada, é sua razão de ser.

E para conviver com as diferenças, com diálogo e empatia, é necessário que todas, todes e todos estejam em um espaço seguro e sem preconceitos.

Por isso, a A Desfrutada é um espaço antipatriarcado, pois um sistema opressor não gera diversidade, nem coletividade e muito menos independência. É preciso transgredir o que nos agride.

O desfrute, aproveitando o que temos a oferecer ao mundo, nossa capacidade criativa e expressiva e artística.

Acreditamos que toda pessoa tem potencial expressivo, e nossas páginas são um espaço de publicação para quem já tem livros ou obras expostas tanto quanto para quem escreve ou desenha num guardanapo. Dê-se ao desfrute!

Se ser uma "desfrutável" foi durante décadas o pesadelo de muitas mulheres e a quem caminhava à margem do que é visto como correto pela sociedade. Aqui, quanto mais desfrutável mais Desfrutada. Quem aproveita o que tem para oferecer, quem frutifica.

É preciso frutificar! Para isso, buscar a diversidade, ter um coletivo criativo cada vez menos parecido com a gente e cada vez mais diferente entre si. Buscamos o que nos é diverso e aquilo que nos une.

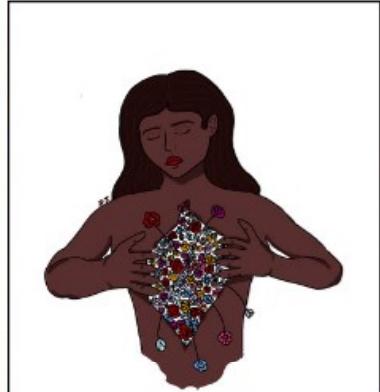
Ser Desfrutada é ser potência contra destruições, desafiar o medo, dar a cara à tapa e ao beijo. Ser Desfrutada é ser diversa, empática, independente pela coletividade e pelo diálogo e antipatriarcado. a nossa caminhada está apenas começando. Vem com a gente desfrutar e frutificar!

Missão: publicar novas autorias em arte e literatura

Visão: ser um espaço diverso e acolhedor de todas pessoas e expressividades

Índice

06 14 19 22



07 EDITORIAL

**08 ARMÁRIO A CEU
ABERTO:** Grito
ecoado, orgulho
escancarado!

12 ÍNTIMOS VERSOS

**16 A Menina que
Dançava com o Sol**

**20 Além das Quatro
Linhas**

23 FLOR

24 PUTA



em todo final de texto ou página você encontra o nome do autor da obra. E no final da revista você achará a bio de cada um deles com link para suas redes sociais!

NÃO ESQUEÇA DE SEGUIR E COMPARTILHAR O TRABALHO DAQUELES QUE VOCÊ MAIS GOSTOU! ASSIM VOCÊ ESTARÁ CONTRIBUINDO COM O TRABALHO DELE!



RUA

30 34 36



31 MEMÓRIAS DE UMA
MOÇA BEM
COMPORTADA
32 CALENDOSCÓPIO

35 À PROCURA DE SI

37 SOBRE O COLETIVO

52 ÁGUA VIVA

38 ELA, A LUXÚRIA

53 CAROLINA LUZIA

40 SAIA E BLUSA

54 PEGUEI O BONDE

42 RESPOSTA

56 NESSA QUINTA EU
NÃO VOLTO

44 SOBRE ANJOS E
DEMÔNIOS

46 BEM ME QUERO

48 VASO QUEBRADO

Índice

ADESR

58

quer ter seu texto ou tua
arte na revista?



clica **AQUI** e
Manda tua obra!



60 CONTRALTO
61 SOPRANO

BRUJADA

62 67 68 81



63 DONA CELESTE

64 TIA NINICA



69 TOMA DE CONTA

70 VINGANÇA

73 BIOGRAFIAS

80 EXPEDIENTE



EDITORIAL

edição #01

Quem é a Desfrutada? É a mãe que tem que ser expulsa do paraíso e que tantas vezes vira vilã por não corresponder a um ideal santificado? Seria a tia, tão cheia de opiniões incômodas? A vizinha, cheia de si? Seria a colega de trabalho, independente e dona do seu nariz? Quem sabe a travesti, que se frutifica ou desfruta? Ou seria você mesmo que me lê e que somente busca a sua verdade?

Talvez seja essa procura por si mesma que seja o elo comum entre essas cinco mulheres, que estão em contos, crônicas, poesias e artes nas próximas páginas. E, claro, a cara leitora ou leitor, pois mesmo homens cis podem se dar ao desfrute. Ser desfrutada tem a ver com ser fiel a seus princípios e nada incomoda mais quando a tal essência colide com os ditos dogmas sociais. E é tão fácil ser desfrutada! Qualquer passo em falso já temos o rótulo na testa. Que o assumamos, então!

Muitas das obras dessa edição trouxeram histórias reais de personalidades desfrutadas ou ficcionais, mas que certamente

conhecemos por aí. Desde a capa, em uma sobreposição de imagens traz a transição, o frutificar de uma travesti, que venceu nosso concurso "Sua arte na capa d'A desFrutada". Outra arte selecionada traz a Dona Celeste, uma personagem de vida, amores e ânimo próprios. Tia Ninica, do conto de mesmo nome, é adepta da autoexpressão como meio de interagir com o mundo e ter seu papel valorizado. A passageira de Toma de Conta, uma mãe orgulhosa de seu filho. A Amanda, de Vaso Quebrado, aprende a juntar os cacos. E outras, reais ou imaginadas por desfrutadas reais surgem nas páginas a seguir.

A desFrutada é uma realidade por conta das autorias que a integram, mas também graças a quem dispõe de tempo para apreciar a produção contemporânea de artistas que apresentam uma diversidade de linguagens mas um ponto em comum: a conexão com pessoas reais, ainda que seja na ficção. Portanto, se conecte com nossas autorias e desfrute da edição #1 da revista A desFrutada!

Armário a Céu aberto: Grito ecoado, orgulho escancarado!

— Keth Braz



Na adolescência dizem que é uma fase que logo você
gostará de rapazes,
Apresentam-te vários pretendentes, alguns até decentes,
Mas o que você quer é a menina de sorriso inocente na qual
você se apaixonou loucamente,
Na escola os beijos escondidos, os abraços reprimidos
resistem aos sermões dos professores e até dos “amigos,”
Na missa dizem que é pecado que o amor e o sexo entre
iguais é coisa do Diabo,
Na fase adulta, permanecem às condenações absurdas,
Não pode passear de mãos dadas ou beijar na praça para
não correr o risco de apanhar de graça.

Início este relato com poesia, pois é a forma que encontrei de externar sobre minha vivência sapatão. Aos 16 anos me vi mergulhada em sentimentos confusos, desejos ocultos por outras meninas. Nascida, socializada na heteronormatividade cristã não entendia a possibilidade de ser diferente da maioria.

Filha caçula de três filhos não tive referências do ser diferente, o padrão era único: homem e mulher namoram, noivam, casam e têm filhos. Não necessariamente nessa ordem, mas os moldes eram os mesmos que presenciava fora das paredes do lar. Na televisão (na época não tinha acesso a internet, livros, revistas lgbtqiapn+), os poucos personagens lgbtqiapn+ eram retratados com caricaturas, bizarros, anormais, pecadores. A bicha engraçada, a sapatão com estereótipos masculinos tóxicos. Personagens sem protagonismos, sem famílias, sem amores felizes, sem profissão ou mesmo sem o direito de viver e ser livre. Não existiam finais felizes, pois quando não morriam no final eram colocados como figurantes da própria história. Beijos cortados, abraços censurados. Casamento, filhos nem eram cogitados. Na igreja os desejos, sentimentos eram tratados como pecados. Meus joelhos conheciam os templos e eles também me conheciam. Minha vivência por medo sofria.

Disseram-me que não existia perdão, que iria para o inferno, Não encarava o espelho, reprimia todos meus desejos, Rezava o terço, pedia libertação de joelhos. Guardo na memória o primeiro beijo, o primeiro abraço. Discretos, acuados. Já havia antes beijado meninos, contudo, nada emocionante, vibrante. Não compreendia o porquê de não sentir a vibração, excitação que minhas amigas relatavam quando beijavam meninos. Por um tempo acreditei que havia algo errado comigo, talvez não tivesse conhecido o menino certo, não havia me apaixonado ou por ser tão religiosa havia bloqueado tais desejos. Tudo mudou quando vi pela primeira vez a menina de sobrancelhas grossas, sorriso largo e a boca gostosa. Os confusos sentimentos, desejos ocultos ocuparam por completo meus pensamentos. Aí vieram as indagações: por que comigo? Serei aceita? Por que sou assim? Vou para o inferno? Sou pecadora? Serei feliz? As perguntas não saiam da

minha cabeça. A sensação de ser vigiada, descoberta era diária. Passei pouco tempo na clandestinidade. Fui arrancada do armário sem dó ou piedade. Excluída da família que tanto amor nutria não tive amparo, acolhimento, sofri xingamento e até ameaça de estupro corretivo. Vivi um inferno na terra, jogada em um abismo. Desafiei, não neguei (amigas diziam: nega até a morte, risos). Eu e a menina de sobrancelhas grossas vivíamos uma paixão avassaladora. Encontros escondidos, ligações em telefones públicos com minutos controlados, já que o pouco dinheiro que ganhávamos foi cortado. Essa paixão durou alguns meses. Fui transferida de escola e não tivemos mais contato. Meu coração ficou em pedaços. Minhas amigas foram transferidas para outra escola com a justificativa de terem as notas mais altas que a minha (não era verdade, fui uma aluna focada, logo

[continua >>>](#)

minhas notas eram maiores). Hoje comprehendo a lesbofobia que atravessei, minhas amigas foram afastadas para não serem contaminadas pelo meu lesbianismo (risos). Uma informação interessante: Uma de minhas amigas, eu a encontrei no dia do parto do seu primeiro filho, fui acompanhar minha irmã e tive a felicidade do destino traçar nossos caminhos novamente. Ela havia me convidado para seu casamento anos antes, entretanto não fui para evitar desconforto, pois sua família não aprovava nossa amizade. Na nova escola conheci novos amores (o famoso rebuceteio) e também enfrentei diversas lesbofobias. O banheiro feminino era nosso refúgio, encontros, beijos, abraços, sexo aconteciam nas cabines dos intervalos, no final ou no começo das aulas. No segundo ano a porta do banheiro feminino passou a ser vigiada. A senhora da limpeza recebeu ordens de não deixar nenhuma menina entrar no banheiro acompanhada. Era uma vigia ferrenha, em pé na porta do banheiro fiscalizando quem

entrava e quem saía. Porém buscamos novos refúgios: atrás da quadra, na sala de aula, na praça ou em ruas distantes e isoladas da escola. Vale ressaltar que a nossa escola era conhecida como a escola dos homossexuais. Existia uma diversidade de alunos lgbtqiap+, na época conhecidos com nome GLS. Muitos pais iam até a Secretaria de Educação do Estado para pedir que seus filhos não fossem transferidos para nossa escola por medo de serem influenciados.

Nessa escola conheci minha primeira namorada monogâmica. Vivemos uma paixão de cinco anos que ultrapassou o colegial e acompanhou os primeiros anos da faculdade. Diferente de mim ela foi aceita, respeitada por sua família e eu acolhida por ser sua namorada. Mas a lesbofobia não cessou, fomos expulsas de praça, perseguidas por professores, alunos lesbotópicos. Vivemos nossa sexualidade na adolescência e início da juventude com muita resiliência e parceria.

Escancaramos o armário, lutamos por visibilidade em uma época que não tínhamos tanto espaço e voz. Com ela vivi minha primeira experiência sexual, tive a satisfação de ter meu corpo tocado por uma mulher e sentir prazer, ao contrário das lesbofobias que ouvia: "sexo entre mulheres não é sexo, não tem pênis, não tem penetração". Amar outra mulher em um mundo misógino é revolucionário. Durante a graduação, pós e experiência profissional as vivências se modificaram, mas a lesbofobia continuou a atravessar o meu caminho. Hoje, aos meus 33 anos e com 17 anos de vivência sapatão, tenho orgulho da minha trajetória. Guardo os momentos bons da minha história na memória. Sigo construindo meu caminho sapatão. Verbalizo, vivo, resisto, escrevo sobre o que me atravessa, mas não me paralisa. Amar fora do armário é uma conquista. Grito meu orgulho escancarado. Minha liberdade ocupa espaço que não cabe dentro do armário.

**“Grito meu orgulho escancarado.
Minha liberdade ocupa espaço que
não cabe dentro do armário.”**

INTIMOS VERSOS — MARCELINO CUTRIM

Li certa vez de um paraibano
- não sei bem, já se passaram anos -
Mais ou menos, assim:

"Acostuma-te à cona que te espera
O homem que nesta terra de feras
Quer ser fera neném:
Tem que chupar bem!"

Vai, pois, afoito irmãozinho
busca uma rosa no meio da rosa
tateia-a, admira-a, desfolha-a
Beija cada reentrância dessa peça mimosa

**De joelhos, ó arretado colequinha
O horizonte pubiano agora admiras
Submete-te à fêmea, satisfaz-lhe o desejo
Ela, assim, será tua, por toda a vida**

**Subjuga-te, abaixa-te, deixa de frescura
Que a senhora te olhe de cima pra baixo
Sê por ela dominado, sê dela fiel escravo:
Ela, a dominadora; tu, o habilidoso macho**

**Que ela pressione, entre suas coxas, tua cabeça.
Convulsiona-a, estremeça-a
Que ela implore pelos deuses, pela morte, urre!
Que a deusa, sob tua boca, estrebuche, desfaleça**

**Avia-te, não demora, consegue dela um biquinho
Feito tenaz beija-flor, encontra nela a fonte do mel
Sorve-lhe os fluidos, sente-lhe os olores
Leva, com tua língua ininterrupta, essa dona ao sétimo céu**

**Deus ordenou cuidássemos amorosos dessa flor
Deitássemos nosso leite incomum em seu vaso divino
Lambe-a, lambe-a, pois, ledo leporino,
Baba bem sua bainha, fá-la tremer com o badalo de teu sino**

**Lê, por fim, com tua boca à boca muda do corpo dela
Os cantares, os versos de amor do rei Salomão
Deixa-a extasiada, desmaiada, despombalecida
Arruma-te, prepara-te, termina teu serviço, então!**





A Menina que Dançava com o Sol— Matile Facó

Eu a vi naquele parque, uma pequena centelha de vida em meio a um mundo de adultos ensimesmados. Ela corria com os cabelos dourados ao vento, suas risadas enchendo o ar como um presente que o universo decidira nos oferecer naquele instante. Ah, como as crianças sabem viver, como dominam a arte de existir sem as amarras que o tempo e a preocupação criam.

Seus olhos brilhavam com a inocência de quem ainda não conhece o peso das decepções e tristezas. Ela se lançava nas brincadeiras com uma alegria pura, sem se importar com olhares julgadores ou com os ponteiros do relógio que teimam em determinar o ritmo de nossas vidas.

Era como se a própria essência da infância a envolvesse, protegendo-a da dura realidade que espreita ao virar da esquina. Como eu gostaria de poder pegar um pouco dessa mágica e guardá-la num frasco, para abrir sempre que a vida insistisse em ficar cinza demais.

A menina dançava com o sol, suas pequenas mãos alcançando os raios dourados que desciam do céu. Ela girava, ria, e seu riso era como um acorde suave em meio a uma sinfonia desordenada. Ela pulava nas poças d'água como se cada salto fosse uma fuga para um mundo onde só existe espaço para a felicidade.

Enquanto a observava, uma onda de nostalgia invadiu meu peito. Lembrei-me de quando também fui assim, quando a vida era uma aventura repleta de descobertas e cada dia era uma oportunidade de brincar, aprender e sonhar. Lembrei-me das tardes intermináveis,

das risadas com os amigos, das histórias que inventávamos e das maravilhas escondidas em cada canto do mundo.

A menina me fez recordar da importância de preservar a criança que vive dentro de nós, mesmo quando as rugas começam a marcar nossos rostos e as responsabilidades nos sufocam. Aquela centelha de curiosidade e alegria ainda está lá, esperando para ser reacendida, esperando para nos lembrar que a vida é muito mais do que obrigações e preocupações.

E enquanto eu a observava dançar com o sol, eu soube que tinha recebido um presente inestimável naquela tarde. A menina, sem saber, tinha me dado um vislumbre da simplicidade e da beleza que podem ser encontradas em cada pequeno momento. Ela tinha me mostrado que ser criança não é uma questão de idade, mas de atitude, de manter viva a chama da curiosidade e da alegria em nosso coração.

Quando finalmente deixei o parque, um sorriso se formou em meus lábios. A menina que dançava com o sol tinha me dado algo precioso, uma lembrança de que a vida é um presente a ser desembrulado a cada dia. E enquanto caminhava para longe, senti a determinação de não deixar essa centelha se apagar, de abraçar a criança que vive dentro de mim e dançar com o sol, não importa quantos anos o calendário diga que tenho.

E assim, com a imagem da menina que dançava com o sol gravada em minha mente, segui em frente naquela tarde ensolarada. O mundo ao meu redor parecia mais colorido, mais cheio de possibilidades. As preocupações que me atormentavam antes agora pareciam menos opressivas, como se a lembrança daquela alegre dança tivesse o poder de dissipar as nuvens escuras que pairavam sobre mim.

continua >>

Caminhando pelas ruas da cidade, comecei a notar coisas que antes passavam despercebidas. Os pássaros que cantavam nos galhos das árvores, as flores que desabrochavam em canteiros esquecidos, os sorrisos trocados entre estranhos. Tudo parecia mais vívido, mais significativo, como se o mundo estivesse me contando segredos sutis que eu nunca tinha percebido antes.

E então, encontrei uma livraria no final da rua, com suas prateleiras repletas de histórias esperando para serem descobertas. Entrei e fui envolvida pelo cheiro de páginas antigas e pela sensação acolhedora que só um amante dos livros pode compreender. Passei os dedos pelas capas, deixando-me levar pelas sinopses tentadoras que prometiam viagens a mundos desconhecidos.

Encontrei um livro que parecia chamar meu nome e me acomodei em uma poltrona perto da janela, deixando-me envolver pela

narrativa cativante. À medida que as palavras preenchiam minha mente, percebi como a leitura era outra forma de dançar com o sol, de viajar para lugares distantes e viver aventuras emocionantes sem sair do lugar.

Enquanto as páginas viravam, mergulhei na história como uma criança absorvida por um conto de fadas. A cada reviravolta da trama, sentia minha imaginação se incendiar, reacendendo aquela centelha que tinha sido despertada pela menina no parque. Era como se eu estivesse redescobrindo a magia da infância, a capacidade de ser transportada para outros mundos e vivenciar realidades completamente diferentes.

Quando finalmente fechei o livro, senti-me revitalizada, como se tivesse tomado um gole da fonte da juventude. A lembrança da menina que dançava com o sol e a experiência da leitura tinham se entrelaçado em meu coração, formando um lembrete constante de que a

alegria da infância nunca está realmente distante, só precisa ser cultivada e nutrida.

Sai da livraria com um novo ânimo, uma nova perspectiva sobre a vida que estava à minha frente. A menina tinha me ensinado que ser criança não é apenas um estágio da vida, mas um estado de espírito que podemos manter vivo, não importa quantos anos tenhamos. E a leitura, ah, a leitura tinha me mostrado que a imaginação é uma porta para infinitas possibilidades, um convite para dançar com o sol mesmo nos dias mais cinzentos.

Enquanto o sol se punha no horizonte, senti uma profunda gratidão pela lição que a menina e os livros tinham me proporcionado. Caminhei de volta para casa com um sorriso nos lábios e um coração cheio de esperança. Pois agora eu sabia que a alegria da infância estava sempre ao meu alcance, apenas esperando que eu a abraçasse e dançasse com ela, onde quer que eu estivesse.



Arte digital "Tudo dentro de mim"
de **Dara Jenifer**





Além das Quatro Linhas

—**Daiane
Macedo**

Era mais uma tarde de domingo, o sol brilhava intensamente, destacando aquele céu azul sem nuvens. No estádio, antes repleto de torcedores ensandecidos pelo futebol feminino, agora ecoam gritos apaixonados, bandeiras e camisas, nem parece anos atrás, onde sequer o futebol feminino tinha torcida, no entanto foram guerreiras que trilharam o caminho da superação.

Por muito tempo foram ignoradas, desacreditadas e até mesmo ridicularizadas por querer seguir o sonho de jogar futebol. Esporte que era sinônimo de masculinidade e as mulheres enfrentaram uma longa batalha para conquistar seu espaço dentro das quatro linhas.

Apesar dos preconceitos, no entanto, a determinação e o amor pelo futebol falaram mais alto. Naquele estádio, mostraram que não há limites para a paixão que transbordavam em seus

corações. O ar estava carregado de empoderamento e resiliência, o som dos tambores, entrelaçam com cânticos de apoio, ecoava nas arquibancadas e impulsionava as jogadoras a darem o seu melhor.

O campo se tornou um palco de superação, onde as histórias pessoais se fundiam com o objetivo comum de fazer ser respeitado o futebol feminino. Dentre essas histórias, havia uma jovem destemida, chamada Melânia. Desde pequena, seu sonho era jogar futebol profissionalmente.

No entanto, o caminho até ali foi árduo. Enfrentou barreiras sociais, preconceitos e desigualdades de oportunidades. Mas Melânia não se deixou abater. Ela

transformou cada desafio em uma motivação para se tornar cada vez melhor, escrevendo uma história inspiradora.

O futebol feminino superou adversidades, assim como Melânia, ela foi ganhando espaço nos corações dos fãs e na mídia. Com talento e garra, as jogadoras conquistaram títulos, abrindo caminho para as gerações futuras. Aquele estádio era uma celebração de todas as lutas e vitórias alcançadas.

Enquanto Melânia corre pelo gramado, ela sente a vibração da torcida. A cada jogada, os estereótipos e preconceitos são driblados na sociedade, cada conquista e gol marcado é afirmação de que o futebol não tem gênero, de que as mulheres são capazes de superar qualquer obstáculo quando têm oportunidades iguais.

A superação do futebol feminino não se limita apenas às atletas. A superação envolve treinadoras, árbitras, torcedoras e todas as

pessoas que se recusaram a aceitar que o talento e a paixão pelo futebol têm uma identidade exclusivamente masculina, era uma quebra de paradigmas, um grito de liberdade.

Naquela tarde, o jogo foi além do apito final, o futebol feminino mostrou que a superação vai muito além das quatro linhas. Ela se espalha pelos corações, quebrando barreiras invisíveis e abrindo portas para um futuro mais igualitário. A batalha estava longe de terminar, mas as mulheres já haviam conquistado seu espaço e deixado uma marca indelével no mundo do futebol.

Enquanto o sol se punha e o estádio se esvaziava, Melânia está convicta de que a superação do futebol feminino não é apenas um capítulo passageiro, é uma revolução poderosa que inspirou gerações e ecoa nos corações de todos aqueles que acreditam na igualdade para todos.



Flor — Ybeane Moreira

Nasce broto
Faz-se pétala
Desabrocha flor
Vermelha
Amarela
Branca
Aquarela
Cor é detalhe
O que vale
É a beleza de ser flor.

P O E SIA

Puta

Caio Araújo

Não tem outra palavra para descrevê-la. Ouviu que era puta dos homens, dos clientes da feira e dos filhos que deixou na estrada da vida. Nunca gostou de ser chamada de vagabunda, palavra que serve para caracterizar uma mulher desleixada. Prefere ser quem é, uma puta é uma mulher que não passa despercebida na sociedade.

Carolina rememorou sua história enquanto passava seu batom vermelho em frente ao espelho velho. Seus lábios enrijecidos já não tinham mais o furor da boca carnuda da mocidade. Tudo nela era grande: as coxas, a bunda, os seios, o ego. Sua má fama a fez boa, inesquecível. Casou com Nicássio no auge dos seus quinze anos. Ele a exibia como um troféu para todos. Amava dizer que a tirou da lama, da pobreza, das péssimas companhias para lhe dar um lar, uma família. Ela não entendia como um homem pobre poderia ser tão soberbo.

Nicássio encarava a vida como um grande duelo. Se um amigo lhe mostrasse uma roupa, ele compraria uma mais cara. Se um colega de trabalho fosse promovido, ele se esforçaria para ser o patrônio. O tipo de homem que não gosta de assistir a felicidade alheia. Carolina entrou na vida de Nicássio, depois que Sebastião, o irmão do marido, ficou noivo de Dalva, a primeira namorada do seu esposo. Nicássio não podia engolir tamanha humilhação, e vendo Carolina na barraca na feira, achou a moça mais bonita que seu primeiro amor. Uma vingança fútil de um homem de ego inflado. Pensou que iria causar inveja no irmão e ciúmes na cunhada, porém, o tiro saiu pela culatra.

Nicássio marcou o casamento com Carolina às pressas, mal ela disse sim ao namoro e já estava de véu e grinalda no altar. Ele quis casar antes da cerimônia de casamento de Dalva e Sebastião, ainda teve o prazer de convidar o irmão para ser o padrinho. Ninguém entendia a euforia com uma dose de inveja do noivo. Ou, talvez, todos entendessem

e fingiam que não viam nada. A vida de casado é composta por uma rotina tediosa e Carolina não queria viver o que Nicássio lhe deu. Ela deixou a barraca da feira para se dedicar ao lar e ele reclamava da comida, da casa, do sexo. Nicássio nunca se agradava, mas gostava de agradar aos outros expondo a sua mulher de modo que pudesse se engradecer como um bom marido. "Tirei ela da feira", "Cozinha mal e a comida só me desce pela fome." A humilhação disfarçada de piada que vira graça nas bocas alheias e inflama a ira de quem é humilhado. Pouco tempo depois do casamento, o primeiro filho do casal chegou. Rodrigo nasceu berrando com a ansiedade de Nicássio e a indignação de Carolina. Ele abriu o berreiro pelos primeiros meses e inundou os ouvidos de sua mãe com tamanha lamentação.

O primeiro filho trouxe para Carolina a sina de viver julgada por cada ação. A mãe palpitava, a sogra também, o médico dava seu laudo e todos discordavam entre si.

Um verdadeiro inferno e o padre ainda dizia que maternidade é uma dádiva. Deve ser por isso que Deus se fez homem, fugiu do risco de engravidar e deu essa sinal a Maria, que sofreu desde a anunciação até a morte de Jesus. Carolina sabia o que lhe fazia falta: a sua barraca na feira, o vento voando em seus cabelos e até o sol sobre sua cabeça. A sombra daquela casa escurecia a sua alma. **A liberdade jamais deve ser negociada, deve ser mantida para que outros negócios possam ser feitos.**

Rodrigo não parava de chorar em seu colo quando Sebastião chegou para consertar o berço quebrado do sobrinho. Quando o berço ficou pronto, Sebastião pediu para pegar o sobrinho nos braços e Carolina entregou o menino ao tio, pois, já não suportava tamanha choradeira. Nos braços de Sebastião, Rodrigo se calou e dormiu. Um milagre divino, ela quis se ajoelhar e agradecer ao cunhado, mas pensou em outra forma de agradecê-lo de joelhos.

continua >>

Aquilo lhe valeria pelos anos de humilhação do marido e pelos olhares indiscretos que Nicássio direcionava a Dalva. Sebastião colocou Rodrigo no berço quando ela tirou o cinto dele e puxou as suas calças para baixo. Ele se encostou no berço enquanto ela se lambuzava com sua glicose. Nicássio foi surpreendido quando encontrou a mulher chupando o irmão ao lado do berço do filho, que por um acaso do destino, dormia tranquilamente ao lado de tanta safadeza.

A vizinhança não entendeu a gritaria daquela casa, tudo era ouvido: de tapa na cara a choro de bebê. Nicássio se envenenou com a própria inveja e quis castigar Carolina da pior forma. Ela, expulsa de casa e proibida de ver o filho, voltou para a barraca da feira sob o olhar julgador de sua freguesia. Sebastião foi perdoado antes do anoitecer e Carolina foi promovida a puta no raiar do dia. Dalva foi até a barraca de Carolina e as duas se embolaram em meio às batatas. Carolina faz uma grande descoberta no seu pior momento: os homens arruínam o caráter de uma

mujer pelo seu bel-prazer e as mulheres brigam entre si para chegarem no topo e ficarem lado a lado com alguém que pode lhe derrubar a qualquer momento. Sempre há perdão para o erro masculino e punição para o pecado feminino.

A liberdade traz uma dose de solidão e Carolina sentiu o peso das ausências. Sentia falta até do choro do filho. Mas não tinha mais jeito, precisava mudar de vida para reconquistar tudo o que perdeu. Para mudar de vida é necessário mudar de espaço e ela buscou algo divino para curar a sua humanidade.

A Igreja estava lotada no domingo chuvoso quando ela entrou e ouviu a palavra de Deus. Queria se converter, curar o vazio que sentia no peito desde a época do casamento com Nicássio, quem sabe Deus não a ajudaria. O pastor falou palavras lindas, as irmãs a acolheram com fervor. Tinha uma nova família. Orou do anoitecer até o amanhecer, fez uma teia de promessas, Deus a livraria daquele infortúnio.

Tudo era uma resposta de Deus a sua oração. Suas vontades começaram a ser feitas, Rodrigo cresceu e sentiu vontade de conhecer a mãe. Nicássio torceu o nariz, mas não rejeitou a vontade do filho. O menino procurou a mãe na feira e o primeiro contato não foi tão bom quanto o esperado. O tempo deixa lacunas entre duas pessoas que se amam e vivem separadas. Um não reconhecia o outro. Rodrigo teve muita dificuldade em se comunicar com sua timidez, Carolina teve muito medo de se aproximar com sua culpa. O querer nem sempre é suficiente e a vontade encontra muitos obstáculos. A vontade de Carolina também se esbarrou com outras vontades, principalmente com a vontade do Pastor que tinha muitos anseios com ela. Um choque de vontades na qual ela não queria ser mais submissa a nenhum homem. Porém, entendia que não haveria mais jeito: ou ela se entregava à vontade dele, ou por vontade dele, não frequentaria mais a Igreja. A escolha foi feita sem dúvidas.

Carolina foi expulsa da Igreja como Eva foi expulsa do paraíso, saiu com o nariz em pé e com as lágrimas presas nos olhos. Nenhum dos fiéis entendia a sua ausência, embora houvesse outras explicações para aquela atitude. O Pastor, totalmente insatisfeito com a ação dela, espalhou para os fiéis que uma mulher da Igreja havia dado em cima dele, mas ele, resiste como era, teria dito não várias vezes e ela tinha desistido de servir a Deus. Quando um homem não satisfaz as suas vontades, ele é capaz de muitas atrocidades e inventa barbaridades para decorar a sua mentira. A fofoca ganhou grandes proporções e os dedos julgadores apontaram para Carolina, que havia saído da Igreja há pouco tempo e tinha marcas obscuras no seu passado. Ninguém quis saber a verdade. Carolina frequentou a Igreja para dar em cima do Pastor. Puta até no paraíso.

Carolina não teve mais ânimo para reconquistar nada, sua vida estava longe do começo e perto do fim. Conheceu muitos outros homens que

deitaram em sua cama, embora não entrassem em seu coração. Alguns eram casados, outros divorciados, e poucos eram viúvos. A fama de puta foi se perpetuando com o tempo, porém, não era mais uma puta nova, era uma puta velha. Os seios começavam a cair, a pele dava seus sinais de flacidez. Outros filhos vieram. Cada um com um pai diferente: um carteiro, um advogado, um médico e um motorista. Os pais corriam dos seus filhos e os filhos corriam da mãe, optavam pela avó paterna. Escolhiam outra mulher. Só Cassandra, a filha mais nova, preferiu continuar com a mãe. Ela ajudava na barraca da feira e nas compras da casa, aprendeu a amar aquela mulher odiada pelos demais. O amor é maior que a sujeira das bocas alheias. Rodrigo se formou, casou e teve filhos. Carolina não foi convidada para participar da vida do filho mais velho, porém, entendia que não podia exigir muita coisa.

O tempo levou a juventude de Carolina, mas não esqueceu da sua má fama. A história de sua vida se misturava com as

mentiras contadas e ela já não tinha mais força para provar o que era verdade e o que era mentira.

Cada pessoa escolhe no que é mais conveniente para acreditar, verdade e mentira não encontram distinção nos falatórios. Ela encontrava os semblantes de desejo dos homens na fila de supermercado, o olhar julgador das mulheres no ponto de ônibus, o desejo da distância dos filhos em todas as avenidas. Os contras lhe definiam mais que os prós.

Dos homens que entraram na sua vida na velhice, alguns permaneceram pouco tempo. Uns queriam as escondidas, com medo do julgamento que viria. Outros queriam fazer das escondidas um relacionamento. Ela já não tinha mais tempo para aquelas aventuras, Cassandra estava noiva e ela estava prestes a passar seus últimos dias sozinha. Mas, uma ligação cortou seus planos: Rodrigo queriavê-la na rodoviária antes de ir embora com a família.

continua >>

Carolina rememorou sua história enquanto passava seu batom vermelho em frente àquele espelho velho. Cassandra desejou sorte à mãe como se ela fosse fazer uma prova difícil ou passar por uma seleção complicada. Carolina seguiu feliz e temerosa ao encontro do filho mais velho. Seu choro de bebê ainda doía no seu ouvido, a lembrança do seu sono sagrado acalentava a sua alma enquanto o gosto da seiva de Sebastião vinha em seus lábios, sua distância foi uma ferida jamais cicatrizada. Poucas e más memórias. Na sacola, duas bermudas jeans para seus netos pequenos, a despedida também era a primeira vez em que ela os conheceria.

Rodrigo a encontrou com suas mãos fechadas que imprimiam sua formalidade de contador.

"Estou indo embora para Maceió com a minha família." Disse Rodrigo a Carolina com um frio e rápido aperto de mãos.

Ela encarou a nora e os dois netos. Inês segurava os meninos como se fossem conter as crianças de um

animal perigoso, mas eles ficaram ávidos em saber quem era aquela mulher.

"É a avó de vocês."

Respondeu Rodrigo.

Carolina entregou o presente aos netos e eles correram para abraçá-la, fizeram mil perguntas sobre a barraca da feira, a ausência dela, a existência de tantos outros tios desconhecidos e ainda falaram sobre a amargura do finado avô Nicássio. Sim, Nicássio morreu sem tirar o nome de Carolina da ponta da língua, falou mal dela por três gerações seguidas. No leito de morte, ainda pediu para Rodrigo não avisar sobre seu estado de saúde para a primeira esposa para não dar a Carolina o gosto de saber que ele foi para debaixo da terra antes dela. Porém, como Deus gosta de ser desaforado, levou Nicássio antes de Carolina.

O ônibus chegou e os meninos tiveram que se despedir da avó forçosamente. Rodrigo a abraçou friamente e entregou um papel amarratado.

"Esse é meu endereço, apareça quando puder." Ele se despediu com um beijo frio na testa. As palavras de proximidade disfarçavam o desejo da distância. A ausência materna deixa cicatrizes que o tempo pode curar ou camuflar.

A despedida entre eles aconteceu sem grandes abraços e sem o rio de lágrimas. Mãos que acenam friamente e sorrisos forçados que maquiam as consequências que o tempo deixou. Ambos pensaram: Tudo poderia ser diferente? Como seria se tudo fosse diferente? Carolina não teria uma péssima reputação? Rodrigo não seria tão tímido? Cassandra não teria nascido? E se Nicássio tivesse casado com Dalva? Nada disso existiria? Na vida, as grandes perguntas são feitas sob os pequenos e se, o destino não segue uma lógica. Cada caminho escolhido é um caminho deixado para trás. Carolina voltou para casa comovida com a surpresa dos netos e com a atitude de Rodrigo. O vazio do seu peito era a falta de amor e, talvez, a sua dor tenha sido

transplantada para o peito de Rodrigo. Talvez amaldiçoou a sua geração com as suas mazelas ou tenha sido amaldiçoada com as mazelas da sua geração. Quem não estava amaldiçoado? Nicássio com a sua inveja ou Dalva e Sebastião com a sua hipocrisia? Talvez todos estivessem envenenados, embora os erros fossem parte daquele caminho.

Carolina nunca tinha experimentado a beleza de ter uma família. Não encontrou família na casa de Nicássio, nas regras da Igreja, na cama dos homens. Nunca foi aceita por ser quem era, só era taxada.

Na tarde daquele sábado, o vazio do seu peito foi invadido pelas velhas lembranças. O berço tremendo, os tapas de Dalva na barraca, a seiva de Sebastião, os gritos de Nicássio, a partida de Rodrigo. A ida de Rodrigo também a libertou de suas sinas e seu peito começou a sentir outras sensações. Alcançou o perdão que sempre buscou para conseguir seguir a sua vida. Eles não teriam a união sagrada entre uma mãe e um filho, mas não havia mais o

que remoer. O que estava feito, estava feito. Um misto de emoções e sentimentos. O beijo na testa do filho mais velho, o sorriso das crianças, o futuro casamento da filha mais nova, a zoada na barraca da feira. A vida que sempre andou fora dos trilhos agora encontrava uma nova estação. Seu peito batia muito forte com as pequenas coisas. Viveu intensamente entre os erros e os fracassos, culpas e abandonos, o desprazer do prazer. Cassandra retornava para casa na madrugada do domingo quando encontrou a mãe gélida no sofá da sala. Enfarto fulminante.

Fulminante, essa é a melhor palavra para descrever Carolina. Sua vida fulminou outras vidas com gostos, sabores e sensações. Despertou iras e desejos, mexeu com todas as tentações. De Eva a serpente, aquela que encanta e destrói. A fonte de todos os conhecimentos. Podem reduzir uma mulher a uma puta, mas jamais podem dizer que uma puta deixa de ser mulher.



Memórias de uma moça bem comportada

Ju Lopse

Comporto deusas
Comporto donzelas
Comporto dúzias
Comporto doses

Sorvo-me aos goles
Capoto nos golpes
Galopes largos
Caibo e alastro

Sou comportamento
De mão
Uma compota
De mamão
Um pote vazando mágoa
Um bote salvando manada

Uma moça
Bem
Comportada

Cheia de histórias
Cheia de ideias
Bem comportada

Me comportam
Os tempos
Flexionados
Os tiros
Flechas ao alvo

Me comportam as escolhas
Os não ditos
Os arrependidos

Sou o compartilhamento
Da estação

Ando na rua, nua e a lua
Desço ao chão
Bem comportada
Porque me comportam
Desejos e luz, câmera, ação

Bem comportada
Cheia de feitos
Cheia de fatos
Cheia de dedos
Cheia de

Calendoscópio

30xRED

Nascida entre os ecos calorosos de Belo Horizonte, uma senhora lá das Américas emergiu como uma força literária inigualável, tecendo palavras que se entrelaçaram com as fibras mais profundas da sociedade. Em sua juventude, em meio a desafios e sonhos, ela ergueu a bandeira da educação, trilhando um caminho que desafiou as adversidades e a conduziu ao ensino e à escrita.

Caminhando pelas ruas de sua cidade natal, ela viu além das fachadas cinzentas, encontrando inspiração nas histórias não contadas, nas vozes abafadas pelo tempo. Esses encontros transformaram-se em narrativas ardentes, ecoando as vidas de mulheres negras que há muito foram silenciadas. Seus primeiros escritos foram como sementes lançadas em solo fértil, cultivadas com a compreensão da importância da representatividade.

O ponto de virada chegou quando a literatura abraçou-a, permitindo que suas palavras viajassem além das fronteiras de seu bairro. Seu nome, agora escrito nas páginas, ganhou vida própria, tornando-se sinônimo de resiliência e empoderamento. Suas histórias lançaram luz sobre a diáspora africana, costurando uma tapeçaria de identidade e luta, em uma época em que tais vozes eram como pérolas raras: com suas palavras, desafiou a narrativa predominante, ampliando as perspectivas literárias e sociais. Ela construiu pontes entre o passado e o presente, tecendo uma rede de conexões que uniu corações e mentes. Sua influência transcendia as páginas, guiando gerações futuras a abraçar sua herança, a escrever com autenticidade e a reivindicar seus lugares na tapeçaria da história.

No crepúsculo de sua vida, permaneceu uma figura de inspiração, deixando um legado de letras que ecoarão pelas eras. Sua jornada foi mais do que palavras em uma página; foi a trilha sonora de resistência, a pintura viva da perseverança e a voz que ecoou em coros de esperança.



A procura de si— Patrícia Isabela

As pessoas estão sempre falando
Quem devemos ser
Mas quem somos de verdade
E por que somos ?
Por que muitas da vezes
Fugimos de nós mesmos
Por que temos tanto medos
De quem somos.
Será por quê a pessoas
Tem medos do que a
Gente podem conquistar
E colocar esse medo na gente
Será que dia a gente
Conseguir terminar essa
Procura de si
E descobrir que realmente somos
E por quê somos ?
Será que existe um jeito de ser
Ou melhor jeito de ser é o nosso



coletivo
ínto coletivo-
cole
cole
etiv
ínto

sobre o coletivo

As EscreViventes — Carla Guerson

O Coletivo Escrevientes é um espaço para agregar escritoras e promover a escrita e a leitura de mulheres. Atualmente reúne 450 mulheres de todo o Brasil e de várias faixas etárias e momentos da carreira: de escritoras iniciantes que nunca publicaram a outras com vários livros publicados. O coletivo funciona virtualmente, por meio de encontros no Zoom, grupos de WhatsApp e de e-mail, e de forma cooperativa, com todas as atividades voluntárias e gratuitas. As atividades e alguns textos produzidos pelo Coletivo são divulgados no Instagram: <https://www.instagram.com/coletivoescrevientes/>

“Somos um coletivo feminista”, ressalta Carla Guerson, idealizadora e fundadora. “O termo coletivo carrega uma conotação política, de luta. Estamos aqui para lutar pelo reconhecimento das mulheres no mercado editorial, para mostrar nossas

vozes, para batalhar pelas nossas vidas, pela nossa existência. Estamos aqui ‘apesar de’.”

Além de Carla Guerson, atuam como coordenadoras do Coletivo as escritoras: Michele Fernandes, Licia Mayra, Yara Fers, Elaine Araújo e Monique Bonomini. Atualmente, o Coletivo Escrevientes tem diversas frentes de atuação, como clube de leitura, desafios de escrita, saraus, parceria com revistas literárias e publicação de antologias. O grupo também participa de eventos presenciais e online por todo o Brasil, por meio de representantes regionais. Ano passado, levou mais de 20 autoras independentes para representar o coletivo no estande montado pela organização do evento no Areal do Pontal, em Paraty. Também são realizadas oficinas e palestras gratuitas, ministradas por escritoras de dentro ou de fora do Coletivo, com o objetivo de facilitar o compartilhamento de conhecimento entre as participantes.

O Coletivo Escrevientes recebe novas integrantes a cada trimestre. “Estamos em constante mudança e crescimento e queremos agregar cada vez mais mulheres que escrevem,” completa Carla.

Carla Guerson 

Ela, a luxúria — Mara Vanessa Torres

Irrefletida, como as carícias delicadas no ouvido
Escondidas
Com um toque de absinto na taça de vinho
Presa
Para sempre no calor do corpo
Alvorçoado
Cheia de sentidos
Longe de escalpos

— Morais —

Ela alcança as estrelas da noite
Bela como o perfume dos anjos
Pedaço de flor em braseiro
Incandescente
Pecado em forma de vespeiro

Mulher, dona de si
Clamando pelo voo mais alto
Pássaro livre
Voando como os antepassados
De sonho em sonho
Gargalhando com furor insano
Desejo exposto
Lânguida dimensão
Cheia de sentidos
Incompreendidos

Acusada de esposa do diabo
Ela segue
Decidida como a luxúria
Latente
Desejo ocultado pelo véu
Desfrutável
Criadora das leis
Resistentes
Sem receios ela caminha
Afastada
Das tendas falsamente montadas

— Arrastadas —

Toques de veludo de mãos macias
Rameira
Liberdades espalhadas como lebres
Ligeiras
Coração esvoaçante
Amoreiras
Frescas
Derretendo na língua da vontade
Livre desfrute
Sentindo a verdade chegar
Segura
Guiando os passos através dos fluidos
Busca
Cigana, doce cantiga
Embala os desejos
Transformando os grandes e pequenos ruídos
Desta vida
Em cinzas chamuscadas

– Papel amarelado –

Desfrutável

Um nome de opositores

Forte odor de carnificina

Espada de inquisidores

“Demônio do poço”

Eles dizem

Aquela que guarda as terras

Messalina

Ela guarda a entrada

Missão diligente

Antes que você tente atravessar os portões

Ela fala:

“Aqui todos entram, mas ninguém sai.”

A potência de seu uivo alcança o pico do sol

A timidez da lua

A couraça da verdade

Onde existe um arranhão

Ela abre uma ferida exposta

Onde há cicatrizes

Ela deixa hematomas

Observe-a com certa distância

Mortais não são permitidos

Ela me vê chegando

Nas noites de dias ímpares

Sabe o que eu quero

Sabe quem eu desejo ver

Sabe o que me importa

Um último aviso

Dê meia volta

Rode nos calcanhares

Vá embora

Desfrutável

O frio vai gelar-te a alma

Seja lá quem tu esperas, a escolha já foi certa

Vá embora

Livra-te deste lugar

Antes que a tua alma eu também vá pegar

E mesmo após tantas noites

O cansaço provocado pela insônia

A janela do sonho ainda me convida a pular

Desfrute

Ela

A luxúria



Saia e Blusa

Sabrina Gottschlisch

— DES-FRU-TÁ-VEL. É isso que ela é.

Virando a esquina, vinha o Simca Chambord saia e blusa¹, vermelho com o teto creme, do seu Amâncio, dono de grande parte das casas do bairro. Ao volante, Amancinho, e ao seu lado, de batom escarlate, fita no cabelo combinando, Ritinha.

— Não falei? — Teodora reafirmou para Teresa.

Ritinha fez questão de se empertigar toda e acenar para as vizinhas.

— É só uma carona, Teodora, pois se estudam juntos.

— Onde já se viu? Essa menina anda com todo mundo! Só meu Pedro não enxerga!

— Você malda demais as coisas, Deus castiga.

— Já castigou, já castigou!

Ritinha caiu na gargalhada no carro.

— Essa mãe do Pedro é muito cômica! Vive falando mal de mim. Se ela soubesse...

— Você devia tomar cuidado...

— Ah, me deixa, essa velha é um purgante!

A despeito dos rumores, os dois foram à praia, onde passaram o dia entre brincadeiras e namoro no mar.

No dia seguinte, a carona para a escola foi com Adamastor, filho do dono da padaria, e apesar da maledicência da vizinha, o destino naquela manhã foi mesmo o Instituto Normal.

– Olha aí, Teresa, estou dizendo.

A irmã só chacoalhava a cabeça.

Ritinha era uma moça bonita, inteligente, dona de seus passos. Desde que o pai morrera, a deixando só com a mãe, ela cresceu sem supervisão, com a mãe sempre fora, trabalhando para garantir um futuro para a filha. Amadureceu antes do tempo, a vida a obrigou a isso, mas também desenvolveu uma empatia pelas dores alheias.

– Esse final de semana ele vem! Vou chamar toda a família para o almoço.

– E Ritinha?

– Decerto virá com ele, fazer o quê?

– Chame também Arthur, são tão amigos!

– Não, que agora meu filho é cadete da marinha, não pode ficar se misturando com mecânico.

– Você e seus preconceitos, Teodora, Deus castiga.

As duas irmãs se esmeraram no preparo do almoço para receber e exibir Pedro, o homem da casa, aspirante a militar, o orgulho de Teodora.

No domingo, a família toda se reuniu, saudando um menino que viram crescer e agora era um homem sóbrio em seu uniforme, sempre acompanhado pela namorada, Ritinha, a moça mais bonita das redondezas, recatada, sem maquiagem a lhe manchar o rosto angelical, vestida com beleza, mas muito recato. Ninguém entendia como ele tinha conseguido a proeza de conquistá-la com aquele seu jeito caladão.

– Mas já vai, meu filho?

– Obrigada pelo almoço, mãe.

Vou ficar um pouco com Ritinha antes de voltar para o quartel.

– Claro que vai...

Os dois saíram caminhando de braços dados e ao virar a esquina, o mesmo carro vermelho e bege os esperava. Pedro entrou atrás, Ritinha na frente. Antes que o namorado de Ritinha arrancasse com o carro, Pedro e Arthur já se beijavam apaixonadamente.

¹ Carro popular das décadas de 1950 e 1960. Saia e blusa era o apelido de um modelo de Simca Chambord com duas cores diferentes.

Resposta

Resposta — Rita Fonseca Chaves

A minha vontade é estar ao seu lado para conversarmos sobre um assunto que muito me preocupa. Estou extremamente decepcionada com você, aliás, estou mesmo envergonhada com o seu comportamento atual. Francamente, não esperava isso de você. Uma mulher da sua idade se dando ao desfrute. Um vexame. Que ridículo!

Soube que se trata de um sujeito da mesma idade que a sua, mas, ainda assim é fora do normal: deve ser um velho gagá, doente e rejeitado. Como você teve coragem de fazer isso? Será que não percebe o ridículo em que está se expondo, além de expor a sua família e as suas netas?

É claro que você sempre escolheu ser uma mulher pra frenetex, usando roupas inadequadas à idade, sapatos coloridos, bolsas enormes: uma moda que não é pra você, embora este não seja o mal maior. O pior é aguentar vê-la toda serelepe, frequentando saraus de poesia e fazendo planos para uma longa viagem de navio. É ridículo tudo isso!

Talvez você esteja precisando de um tratamento mais intenso, algo mais direcionado a pacientes senis. A mãe da Marcinha ficou demente aos 70; você já passou dos 70 faz tempo.

Seu lugar é em casa, descansando e nos poupando de um provável constrangimento diante da sociedade. Tenha juízo!

Ah, e não me venha falar de amor. Na sua idade o único amor que vale é o amor próprio e, esse, certamente, você já perdeu há tempos. Tenha vergonha!

Boa tarde, querida!

Sempre, desde criança, fui incentivada a desfrutar das escolas as quais frequentei e dos cursos que tive a oportunidade de fazer. Quando viajávamos, ouvíamos dos parentes, dos amigos e dos recepcionistas dos hotéis, a expressão: "desfrutem da viagem!". Nos breves dias ensolarados na nossa cidade era frequente o desejo de desfrutar do calor, dos sorvetes, do belo espetáculo que é o pôr do sol. Nos restaurantes, queremos desfrutar da boa gastronomia. Nas noites de frio rigoroso, que possamos desfrutar de um confortável cobertor, de uma lareira para nos aquecer, de um bom livro e de nossas músicas favoritas. Na manhã seguinte, como é gratificante desfrutar de uma fatia de mamão e um saboroso café com pão quentinho e bolo de laranja.

Trabalhei uma vida e quando me aposentei, ouvi dos verdadeiros amigos: "hora de colher os frutos. Desfrute-os com prazer!" O mesmo ouvi de alguns médicos, da minha dentista, de alguns vizinhos e de vários colegas de trabalho. Ouvi da minha manicure, das pessoas que me ajudam a cuidar da casa, do dono da padaria e do meu freguês da feira.

A velha aqui sou eu, mas é você quem enxerga a vida com amargura. É você quem ainda utiliza a palavra "gagá" ao se referir a uma pessoa mais velha do que você, cujo julgamento preconceituoso não procede em nada com o que pensa e diz. Já "prafrentex", eu não ouço desde a década de 1970.

A velha aqui continua sendo a mesma desfrutável de sempre: desfruto de um dia de cada vez, das mínimas gentilezas que a vida me proporciona; desfruto dos dias de chuva, do sol, das memórias de tudo que vivi e, principalmente, da imensa vontade de continuar desfrutando das belezas da minha existência. Desfruto da minha saúde física e emocional, mesmo com as limitações naturais à velhice. Desfruto da paz, sempre compartilhada com todos ao meu redor, e da experiência que me faz crescer a cada dia.

Desejo que você consiga desfrutar da sua linda casa: enorme, construída com tanto capricho para você se perder dentro dela. Desfrute do seu belo jardim para que suas flores não murchem junto com você. Desfrute da sua piscina gelada e vazia, dos salões lindamente decorados, da rica biblioteca herdada do seu pai e da sua coleção de vinis e CDs.

Desfrute do seu tão desejado violão, mudo, encostado na parede fria do seu quarto. Desfrute do seu fim de juventude e dos pouquíssimos amigos que lhe restaram (se é que ainda restou algum).

Desfrute do que lhe sobrou. Desfrute de você!

Amo-te

Mamãe

Sobre anjos e demônios—

Maribel Vazquez

**Em um beco sem nome,
curtiram com ela. Fizeram
festa no macio do corpo,
lambuzaram-se no caldo de
gente. A escuridão e o
silêncio por testemunhas. Ela
não soltou um gemido de dor,
nem um grito de gozo. Era só
pavor.**

**No barraco da mulher bruxa o
feto deu trabalho, sangrou
tecidos desgastados.**

**O doutor do hospital chama a
Justiça para a mulher, que na
busca por socorro, ignora as
leis: de Deus e dos homens.**

**Ninguém pode acusar o
doutor de conivência com o
crime. Ele está cumprindo
com o seu dever. No hospital
alguém lembra do código de
ética, relembra o sigilo
profissional.**

Devia ter procurado um outro serviço, não iria sujar seu nome por ela, por tão pouco.

Não se deu ao desfrute? Que arque com as consequências. Tem filho pequeno? O problema não é nosso, não saísse por aí como um animal no cio. Foi estuprada? Quem manda andar com essa boca vermelha, esses peitos e essa bunda que saltam das roupas. Gostosa essa menina.

No final da noite, com a consciência tranquila, regressa ao apartamento no bairro de ruas iluminadas.

A esposa insiste na conversa.

– Alceu, fala com ela. Esse namorado mais velho... ela só tem dezesseis. O dia inteiro no celular, não conversa comigo. Estou vendo o dia em que ela aparece grávida aqui. O que nós vamos fazer, por favor conversa com a menina!

Mãe é que conversa sobre esses assuntos. Não bastam as responsabilidades que eu já tenho?

– Amanhã, hoje estou exausto!

Seu desejo é se jogar no sofá e gozar com uma merecida taça de vinho, talvez um whisky. Tem direito a esse desfrute, fez por merecer.

Caso surgisse algum fato novo recorreria ao Osvaldo, colega de faculdade, com clínica nos Jardins, especialista em resolver problemas desse tipo, com discrição e profissionalismo.

No beco sem nome, nem CEP, uma criança chorosa pergunta para a avó quando a mãe vai voltar.

Bem me quero

Linara Chaves

Gargalhava em alto e bom som
Exagero era seu nome do meio
Conter sentimentos não era consigo
Vivia e sentia sem nenhum receio

Desafiava os padrões associados ao seu gênero
Ser recatada, permanecer calada, submissa
Viver em jaulas nunca foi seu objetivo
Ser uma alma livre era sua grande premissa

Desfrutava de uma personalidade única
Carregando a força de quem tudo viveu
E por isso sabe a importância da liberdade
Vendo os novos caminhos que ela escreveu

Era vista com olhos de julgamento
Por aqueles que eram contra sua forma de viver
Julgavam aquilo como uma grande insanidade
Poderia ao menos ter a decência de esconder

Esconder seu sorriso de contentamento
Esconder aquilo que pensava de verdade
Esconder os seus próprios desejos
Esconder a sua peculiaridade

Mas se tornou extremamente prazeroso
Desfrutar dos olhares de incredulidade
A cada vez que ela agia por conta própria
Sem forçar uma falsa santidade

**Quando necessário aumentava o tom de voz
Para não correr o risco de ser silenciada
Por vozes masculinas que desesperadas
Lhe diziam que sua opinião era inapropriada**

**Tudo que fosse contrário à submissão
Gerava desconforto e indignação
Por parte daqueles que eram privilegiados
Com essa forma absurda de exploração**

**Solteirona, titia, coroa, mal amada
Adjetivos maldosos era o que não faltava.
Para camuflar o sentimento de inveja
Que no coração de muitos despontava**

**Mas palavras e olhares não a atingiam
Pois já não tinham a mesma intensidade
Depois de certo tempo ela aprendeu
A não alimentar esse tipo de insanidade**

**Não carrega mais a obrigação
De suprir expectativas alheias
Supera apenas as suas próprias
Vivendo em prol daquilo que anseia**

**E quando lhe perguntam se não tem medo
De acabar se vendo sozinha, no final da vida
Responde que pior é estar acompanhada
E, ainda assim, ser de amor desprovida**

*bem
me quer o*



O Ricardo tinha essa mania recente de desafio.

Havia tempos, sentia que não podia lhe desvencilhar o pensamento. Estava preocupado com a empresa, uma novata no mundo da arquitetura. Não dormia na maioria das noites que passava em casa; e, nas demais, em que dormia no escritório, tinha pesadelos comigo. Dizia que os assombros dos sonhos são todos relacionados a você. Eu era a protagonista dos seus pesadelos. E, quanto mais ele me reclamava sobre os sonhos maus, mais eu era obrigada a lhe contentar sempre. Não posso gerar pesadelos também na vida; basta o sono.

E assim iniciei minha facilidade.

Passei a ficar-lhe restrita - de corpo e de alma. Deixei de olhar quem na rua passava e que atraía meus olhos por beleza ou por curiosidade. Perdi o que se chama de espanto com a vida: restringi-me à casa, fui lá ficando todos os dias, a lavar as louças, a secar a pia, a limpar a privada... Todas as tardes

Vaso quebrado— Fernanda Germano

Eu gosto do que é difícil, Amanda. E você é muito fácil... Gosta de tudo que eu faço, faz tudo o que eu peço, não reclama nunca... Você não me desafia. E aí eu fico estagnado aqui, esperando você me permitir uma certa emoção, um certo desfrute. Não consigo mais, Amanda, não consigo.

eram destinadas ao sofá e aos programas de culinária da tv aberta.

Posso fazer uma torta de limão siciliano para quando o Ricardo chegar. Ele vai estar tão estressado... E vai me agradecer tanto... Nunca vai me deixar.

Fui tornando-me muito fácil de lidar. Dava-me ao desfrute de ser-lhe a esposa, ainda que, para mim, eu sumisse aos poucos como pessoa. Não mais reclamava da sua chegada pela madrugada. Não mais lhe tirava satisfações sobre onde e com quem estava. Não mais me importava com as minhas necessidades de sair, de passear, de ir ao centro tomar café na nossa padaria favorita. Não mais me via em casal: eu era eu e ele também.

Sempre que duas pessoas se unem muito, há uma que se gruda mais que a outra. E antes ser a grudada do que a que gruda, dizia mamãe. Mas eu, de fácil que me tornava, nem me importei com o aviso. Estava tudo bom. Eu tinha o que sempre sonhara: um homem e uma casa. Era uma

esposa, há cinco anos. O símbolo do sucesso.

É normal ir perdendo as amigas com o tempo, mamãe, eu dizia. E ainda justificava que o Ricardo, agora, é quem importa pra mim: ninguém mais vai me tratar tão bem, com tanto carinho quanto ele... Na ilusão de um casamento perfeito, perdi-me na própria imperfeição.

Até que os cacos de vidro se espalharam por toda a casa.

Era tarde, em julho, uma noite gelada - dizem que a mais fria e a mais longa do ano. Ricardo acordara cedo. Atrasei-me com o despertador, mais vagaroso que a disposição que os maridos têm de trabalhar. Culpada, pulei da cama, os pés arrastados até a cozinha enquanto ele estava já no banho; arrumei a mesa em um vento: rápida, passei o café - sem açúcar, havia de ser sem açúcar, havia de ser como ele gostava. O chuveiro já desligado: eu, na mesa, a esperá-lo. Ele tinha, na face, um peso. Os olhos feitobolinhas de gude, apertados, a espreguiçarem

para a noite quase-dia, ainda tudo escuro. Sentou-se, sem dizer uma palavra. Perguntei-lhe se haverá reunião na empresa hoje?

Ele balança a cabeça, a dizer que *sim, Amanda, haverá. E não aguento mais você com essa boca interrogatória cheia de dentes a me julgarem - "por que chegou agora? por que não quer jantar? por que não quer deitar aqui no sofá comigo?"*. Saiu.

E o seu peso da face me passara ao corpo todo. O dia engatinhava, vagaroso. Os ruídos da rua, misturados aos estalos da geladeira e ao ranger das portas diante do ar, sussurravam uma solidão. Previ que algo não ia bem. Liguei para Ricardo. Nenhuma resposta. Liguei na empresa. Atendera uma secretária, a Márcia. Disse que *seu marido e os sócios estão todos em reunião o dia todo... Não conseguem falar agora.*

Anoitecia de novo, o escuro voltando após ter se ido há tão pouco: um gelo em casa e lá fora, em casa e em mim.

continua >>

Tomou-me a angústia de nunca mais vê-lo chegar. Não mais conversar comigo sobre o dia ou perguntar-me o que eu havia feito. *Eu não tenho feito nada, Ricardo...* Só esperá-lo, queria dizer. Eu era tão fácil. Uma desfrutável. A puta que, na esquina, espera o homem chegar, dá-lhe de comer na boca e, depois, vê a fuga rápida para o que importa: todo o resto. Chorei. Caíam as tristezas guardadas há anos de um casamento que me tornara fácil para Ricardo e dificílima para mim mesma. *Toda angústia oculta vira água aqui dentro. Vai pra garganta, fica lá parada, vai para o peito, fica lá parada, vai para as tripas, fica lá parada. Só sai quando algo está para mudar, mamãe me explicava quando lhe dizia, ao telefone, do peso que carregava. Algo estava para mudar.*

Ricardo chegou às três da manhã.

Eu ainda não havia pregado os olhos - apenas, talvez, na cruz. Entrou pela porta, pisou os tacos de madeira, rangeu todo o chão. Arrancou os sapatos e o paletó. Passou por mim, deitada no sofá, tão

disponível, os olhos encaroçados, e foi à cozinha. Um copo de água: cada gole, uma palavra preparada para sair. Perguntou-me:

Por que ainda tá acordada?

Te esperando.

Por quê?

Porque sim, Ricardo. Porque sim! Você não vê que isso é tudo o que eu faço? Algo despertou com essa frase.

Amanda, você precisa prestar mais atenção.

Em quê?

Em você. No que você quer pra você.

Mas eu já tenho o que eu quero pra mim: você, eu disse.

Só que outra pessoa nunca é o suficiente... Eu me preocupo com você se você tiver que... tiver que ficar, digamos... sozinha.

Sozinha. Sozinha. Sozinha. Ecoou em mim esta palavra fria e seca. Eu era sozinha. Já percebia, já notava que era e estava sempre sozinha. Mas ouvir de Ricardo tal possibilidade me foi doloroso a ponto de me fazer pensar em fugir. Sentir, na cara, o gelo do ar. Respirar longe e fora daquele rosto pontudo que eu encarava como única

paisagem há muito tempo. Mas... *o que me impede?* Mesmo protegida pela casa, congelei. Lembro-me apenas de ouvir Ricardo repetir *sozinha* e me explicar o porquê de estar indo embora. Disse:

Eu te despersonalizei, Amanda.

(Silêncio)

Antes, no começo, você era solta. Leve, feliz, mais livre... Você frutilicava tudo, sabe? E agora? Com essa palidez, só me esperando voltar. Você merece mais, Amanda. Você merece buscar as coisas, não ficar esperando 'isto' voltar pra casa, e apontava para si com as duas mãos, com cara de decepção.

(Silêncio)

Eu gosto do que é difícil, Amanda. E você é muito fácil... Gosta de tudo que eu faço, faz tudo o que eu peço, não reclama nunca... Você não me desatia. E aí eu fico estagnado aqui, esperando você me permitir uma certa emoção, um certo desfrute. Não consigo mais, Amanda, não consigo.

(Silêncio)

Saiu da sala, pegou as roupas e os sapatos no quarto.

Colocara tudo na mala de couro. Abriu a porta da entrada, não olhou para trás. Partiu não sei para onde, não sei com quem. Congelada no sofá, a casa ficou em eco: *sozinha, sozinha, sozinha...* Eu era muito fácil. Dava-me ao desfrute de apenas levar em consideração o outro, como se fôssemos, eu e ele, apenas um. E, agora, esse vazio já preenchido pela vontade de nada, pela vontade de ter vontade, pela busca. O silêncio me empurrava para o vaso de vidro verde retorcido que Ricardo me dera no nosso aniversário de cinco anos de casados. *Que vontade de provocar um barulho...*

CRACK CRACK CRACK.

Joguei-o na parede. Catei os pedaços maiores, joguei-os de novo, todos ao chão. *Quanto caco espalhado, quanto brilho de vidro no chão, quanta... liberdade.*

Olhei ainda os restos. Vi a beleza. Juntei-os na pá, com a vassoura, e os coloquei no canto da sala. Uma lembrança do dia em que algo, finalmente, aconteceu. O dia em que, finalmente, senti e vivi. Tive muitas dúvidas e questões:

E agora? Eu estou... livre?

Água viva— Karen de Alencar

PO
SIA

Amo
E deixo que esse amor escorra
Por todos os portais do meu corpo.
Amo e nem por isso enfraqueço.
Me permito
A vulnerabilidade de flutuar
Em você. Com você. Por você.
Através de você.
Navegue, querido.
Eu sou um rio agora.
Eu sou teu delta.
Encontre o ouro em mim.
Eu sou um mar agora.
Seja um peixe dentro de mim.
Não me devore.
Não se afogue.
Me devore.
Sim, afogue-se.
Seja água-viva e me agarre.
Eletrifique-me.
Quero as pequenas mortes aquáticas com você.

Carolina Luzia— Joseani Vieira

Vestido floral, decote sutil, tecido diáfano que dançava conforme o seu caminhar. Cabelos crespos e soltos, sandália rasteirinha e luz. Muita luz. Fagulhas de surpresa desprendiam-se do seu olhar. Por onde passava, deixava um rastro de almíscar e liberdade.

Alguém a conduzia pelo departamento e explicava algumas coisas. Meu olhar imantado pelo espanto a acompanhava.

Eu, que vivia aprisionado no meu escaninho, oprimido pelos móveis frios, absorvido pela luz azulada das máquinas, envolto nos temores do corporativismo, enxerguei na moça algo além. Com a sua vinda, até o azul acinzentado das paredes passou a lembrar um céu de feriado.

Ninguém notou que comecei chegar mais cedo no trabalho.

Precisava confirmar se aquela sensação de frescor que invadia o ambiente com a sua presença, era verdadeira. Observava seus gestos. Cada dia uma novidade. Agia com naturalidade e aparentava segurança no que fazia. Parecia ter na cabeça um mapa que indicava por onde andar e sinalizadores transparentes alertando para a necessidade de parar. Seu riso, quando silencioso, tinha o eco da satisfação e sua gargalhada, se escapasse, convidava o outro a se envolver naquela explosão de alegria.

Entre fada e diaba, carregava em si a beleza de vários versos. Isso! Poesia, era o que bem lhe definia.

Cansado de só olhar, contava com a sorte de um encontro que não acontecia. Nem na entrada do prédio, muito menos nos elevadores, jamais no cantinho do café, separados por vários colegas na reunião mensal. Em nossos afazeres, um não dependia do outro. Ela, quando tinha chance, travava conversa com os mais despachados. Mas comigo,

tímido, invisível e isolado, nada.

Até que naquele dia de pouco sol, nos esbarramos no refeitório. Atordoado, disse somente "Boa tarde", enquanto ela me olhava e sorria. Baixei o olhar para minha bandeja, quantos grãos de arroz me propunha a engolir? E esses brócolis? Ah, que verdinhos! Mãos suando, pernas bambas e raiva de mim. O instante parado, formando a lembrança daquele sorriso.

"Olha pra ela! Olha pra ela!" Aconteceu e de pronto, flores e folhas espalharam-se pelo ambiente num arroubo de felicidade.

Bem dentro de mim, sua voz respondeu: "Boa!" fragmentando minha solidão e arremessando para longe a mesmice do meu todo dia.

Havia encontrado a mulher que desejei desde sempre, destrutável diante do júbilo de estar viva.

- Almoça comigo?
- Sim! - respondi, tentando esconder o tremor na voz.

Peguei o bonde

Beth Amaral

Alice era a própria contenção química ambulante: 55 anos de muita repressão, recato e recalque. Tudo em sua vida foi dirigido por outrem, da mãe ao marido, passando pelos irmãos mais velhos. Até que precisou viajar à cidade grande para resolver um problema num cartório, a pedido de um irmão que, impedido de viajar, fez contatos prévios e muito bem lhe orientou. Contudo, as coisas não saíram tal como planejado e sua estadia teve que prolongar-se por uns dias.

Ela hospedou-se numa pousada, e estar só, naquele lugar que era em si puro deslumbramento e encantamento. Parecia ter entrado no país chamado Liberdade. Poucas vezes na vida viajou só, embora, este sempre tenha sido um desejo contido e silenciado em sua existência estacionada na rodoviária do

tempo. Na manhã seguinte à sua chegada, ao sair do quarto, viu debaixo da porta um envelope. Abaixou-se, e quando abriu, havia um convite bonito e original que quase lhe travou. "Pega o Bonde do Desfrute". Lá constava, dia, local e horário. As pernas bambearam, bateu uma dor de cabeça e um riso frouxo. E agora? Pensou: que raios de bonde é este! Com o convite na mão trêmula e suada, jogou-se na cama a pensar. Já seria no dia seguinte! A curiosidade a lhe corroer as entranhas. Desfrute era algo latente, mas empoeirado em grossas camadas pelo tempo que passou. Uma palavra enigma, cheia de magia e o convite entrou na sua alma de vez.

Ela primeira vez na vida sentiu a liberdade de poder fazer algo sem ter que olhar pro lado, ou pro alto, buscando o consentimento alheio, muitas vezes, lançado em sua direção sem qualquer palavra, mas apenas o olhar que tudo dizia.

A imaginação é a louca da casa, já dizia Santa Teresa Dávila, e de fato, um turbilhão

de emoções novas tomou posse de Alice, que começou a instintivamente preparar-se para pegar este bonde, fosse o que fosse.

No dia seguinte, se deu conta que o horário estampado no convite batia com o tal compromisso no cartório, beirando o cair da tarde. A dúvida lancinante a atravessou: pego o bonde ou corro pro cartório? Desta vez, num ato de afogado que procura o último ar possível para sobreviver, na superfície da água em correnteza, tomou a direção do bonde. Pisou resoluta rumo ao local, coração acelerado, disposta a viver uma aventura, um desfrute qualquer, fosse o que fosse.

Ao dobrar a esquina, avistou uma pequena multidão colorida e alegre adentrando aquilo que dizia ser o bonde. Enfiou-se no meio da turba e entrou no veículo multicor, alegre e musical. Mal subiu o último degrau, foi recebida com uma taça de champanhe, posta à frente de um sorriso encantador, de um jovem de 50 e poucos mais. Sentiu o frisson dos

anos dourados, da juventude, da paixão reprimida e esquecida no tempo, e do primeiro beijo roubado. Não contou até três, brindou com o mesmo, retribuindo o sorriso como quem diz: cheguei!

O bonde partiu em suave, mas firmes aceleradas, subindo uma rua estreita, até alcançar uma avenida muito linda e iluminada, fervilhando de gente. O vento batia forte, a tarde caía, a lua, ah, a lua; não é que ela veio platinar aquela noite que chegava apressada! A música era pura alegria, e todos ali estavam de alguma forma conectados com algo ou alguém. Ninguém só, ninguém triste, ninguém preocupado, ninguém vigiado, ninguém sufocado...e eu? Eu deixei aquela Alice para trás ao subir o bonde. Ainda a avistei de longe voltano para o cartório, enquanto eu? Eu buscava uma segunda taça de champanhe naquele bonde e ele era só alegria. Era um pouco de tudo: era parque de diversão, tertúlia, baile, festa de debutante, encontro de enamorados, beijos roubados, risadas, muita

Risadas, alegria pura...e mais adiante, numa curva brusca sento solavanco me jogar para o lado da janela e ...
...despertei de súbito com aquela voz conhecida e afoguei meu rosto no travesseiro num misto de surpresa, dor e incredulidade e ainda tomada pelas emoções únicas que acabara de viver...

...não sei explicar, mas não acordei Alice, acordei sem saber quem era, ou quem me habitava, mas no decorrer dos dias, semanas e meses, fui entendendo muita coisa sobre mim mesma. Mergulhei no bonde do meu inconsciente num generoso presente do universo. Entendi que não sou quem era, ou quem julgava ser, sou bem maior e melhor. Meu nome, Alice, ganhou novo significado.

Estive no País das Maravilhas e posso voltar a ele se percorrer o caminho de volta. O bonde agora, é meu caminhar lento, firme e determinado ao encontro da minha essência. Nela sei quem eu sou, quem eu fui viajava no Bonde do Desfrute e desembarcou pra ficar.

Nesta quinta eu não vou — Milena Maria Testa

Meu caro amor,

Não sei se conseguirei ser breve, mas é essa minha intenção, porque não se tira água de um poço seco quando não há mais o desejo de cavar. E só quero que compreenda que nesta quinta eu não volto.

Você lembra que, logo que nos casamos, toda quinta-feira fazíamos algo diferente juntos, só nós dois? Eu me esforçava. Largava do trabalho e me apressava para chegar ao salão de beleza que ficava na rua de cima, pertinho da Neusa. Ela também se produzia toda para sair com o Jorge. Nem por isso o casamento durou. Não foi nosso caso, ao menos no papel.

Quando entrei no banco, a rotina exaustiva me fez abandonar o que mais gostava de fazer: fotografar. A história de trabalhar apenas seis horas por dia se revelou uma piada de mau gosto. De segunda a quarta, você viajava para visitar os clientes e não dormia em casa. Eu nem ligava muito para me manter arrumada como na quinta-feira. Só queria me jogar no sofá e tomar uma cerveja para relaxar.

Logo entendi que a harmonia que todos admiravam em nós dependia da saída das quintas à noite. Você voltava para casa satisfeito, eu me mantinha bonita até o almoço em família dos domingos, e ninguém percebia o abismo que se anunciava. Mas era só o começo. Já na gravidez, o programa foi ficando para trás. O remédio para enjoo me dava sono. Então os encontros passaram a ser adiados e nunca mais voltaram, principalmente depois das inúmeras noites cuidando da nossa filha.

E a rotina continuou nos enganando. Eu até falava do meu desejo de conhecer outros lugares, de voltar a fotografar, mas você parecia não me ouvir.

Quando dei por mim, Maria já tinha 15 anos. Depois entrou na faculdade, em poucos anos começou a trabalhar e agora mora sozinha. Eu me aposentei e fiquei cuidando da casa, do jardim e dos gatos.

coletivo escreventes.

Mas mantive a rotina da quinta-feira, retomada anos atrás, quando voltei a sair, então com as amigas do banco. Agora também me divirto com o pessoal do curso de fotografia avançada e até com alguns paqueras das aulas de dança. Saiba que esses casinhos não duram e que não houve risco de deixar você. Nunca desejei que fosse algo sério. Só andei desfrutando da vida outra vez.

Recentemente comecei a pesquisar lugares que quero fotografar. Comentei muitas vezes sobre isso quando assistíamos aos vídeos de viagens, mas acho que você realmente não escutava, não planejaria nada comigo, sempre tão envolvido com o trabalho, dizendo que jamais poderia parar, senão morreria!

Quando, outro dia, falei que estava cansada de olhar para as paredes de casa e até de sair com as mesmas amigas, você também não se incomodou.

Eu não sou a pessoa que vai ensinar você a viver. E cada um tem o seu jeito de ser feliz, ou não. Esse deve ser o seu. Mas agora vou encarar o desafio de cuidar de mim como nunca fiz.

E Comprei uma passagem, vou cruzar o oceano e fotografar o primeiro lugar que escolhi. Foi o que decidi realizar com metade do dinheiro da poupança que fizemos a vida toda não sabia para quê.

Não se esqueça de regar as plantas. A ração dos gatos está no pote maior, em cima da prateleira alta entre a cozinha e o serviço. O Leozinho só toma água direto na torneira. Não sei quando retorno, ou se retorno. Só sei que nesta quinta eu não volto.

Com amor,

Flor.

perso
nage
ns desfrutadas

Criaturas Criadoras

Benditas somos nós!
Parir é a nossa sinta!

Em nosso ventre arrezyavam os pícos e patas e traidores e a pâtria.
Em nosso ventre toda verdade e toda oradia.
Em nosso ventre toda sabedoria e toda glória.



Benditas somos nós!
Parir é a nossa sinta!

Em nosso ventre fez em mim o mundo, pediu fôlego a terra e a mar.
Em meu ventre fez em mim o mundo, todo o que é de mundo e de mundo.

Contralto X

Contralto Ju Lopse

Essa voz é de bico de pato
Não vem de uma menina

Não há vez para contralto
Fora de qualquer medida

Gosta-se da lírica
Com qualquer coloratura

Mas voz que sai da gruta
Não se aplaude

Voz grave
Sempre me colocou
Em outro lugar

Emudeci, assim,
Para que ninguém pudesse
ouvir

Sempre tive medo de falar
De gritar
Causar alarde

Mas fui inventar
De amar a arte

Que é minha oposta

E, quando ouviram enfim
Que surpresa

Aquela tomboy
Tem timbre de princesa

É soprano
Que não aprendeu a se colorir

O que era grave era o
Silêncio autoimposto
Pelos dedos em riste

Pelo medo de ser
O outro
Se o corpo não servisse

Ou se eu ousasse
Amar o meu passo

Olhe só que surpresa
Também amo uma
Contralto

Soprano

Soprano
Para Aline—
Ju Lopse

Eu só te desejo amiga	De um reino
Eu só te desejo um dia	E da realidade
Exploda	Eu só te desejo
Seja a si	Que exploda os sensatos
Seja assaz	Que expanda os sentidos
Experimente ser-se	Que reine sozinha
Planifique mais	Reverencie com todos
Mexa estruturas	Que seus estilhaços
Com delicadeza	Me entranhem na alma
Derrube reis	
E seja a princesa	

Dona Celeste



*1955
*2004

Desfrutar do amor, da paixão, deveria ser um "direito" de todos. Deveria, mas não é, muitas pessoas são privadas de desfrutar do amor e da paixão pelo simples fato de ser quem são. Alguns exemplos disso são as pessoas pretas, as mulheres principalmente, mulheres idosas, pessoas trans e travestis que não se encaixam no padrão hetero, branco e cismórfico da nossa sociedade. São pessoas marginalizadas e colocadas para escanteio na sociedade, e ficam as margens dela, não recebendo nem o "desfrute" básico de uma vida digna, quem dirá ser consideradas pelos outros, como parceiras, amantes, pessoas amáveis e dignas de respeito. Então, dessa falta de representatividade para mulheres, idosas, trans, travestis e preta

desfrutando do que todos deveriam ter direito, quis reunir todas essas pessoas em uma só, por isso criei a Dona Celeste. Uma mulher trans, preta que já viveu muito para contar a sua história, e tem muito mais para viver e desfrutar do amor, como bem entende. Escolhi o nome Celeste, pois, tem o significado de celestial, que vem do céu. Indo contra toda sociedade conservadora que demoniza corpos e existências como a dela.

Celeste nasceu em 1955, e renasceu em 2004, quando se deu conta do mulherão que é. Está sempre acompanhada do seu amante e parceiro de vida, que ao contrário do macho, provedor de bem, que se relaciona com mulheres trans no sigilo ~ tem muito orgulho de tê-la ao seu lado. Celeste se desfruta e se ama,

conseguindo direcionar o seu amor-próprio para seu companheiro e para o próximo. É uma mulher alegre, conselheira, que ama acender seu charuto em momentos de prazer, seja depois de desfrutar do sexo com seu amado, ou até mesmo na hora sagrada de fofocar com as amigas. Apesar do nome celestial, é uma mulher fogosa, tem uma vida sexual ativa, grandes sonhos para realizar, muitos amigos para acompanhar, tem muitas histórias para contar, e uma fé na vida que é contagiente. Possui uma chama enorme dentro de si, e faz com amor e paixão, tudo aquilo que se propõe, é uma verdadeira desfrutada! Que exista cada vez mais Celestes por aí, donas de si e das suas histórias, desfrutando da vida, sendo exatamente quem são!

Tia Ninica era velha. Das memórias mais velhas que tenho, já encontro tia Ninica lá: velha. E quando eu envelheci, como se fosse possível envelhecer mais, tia Ninica não parou de acumular suas idades. A cada dia, se esforçava religiosamente em ficar mais e mais velha, embora isso não implicasse em sua perda de vida. Cada dia mais velha, cada dia mais viva. Teimosia era o traço de tia Ninica, por isso não morria, só envelhecia, embora isso também não implicasse em fraqueza. Tia Ninica era forte, como mandioca que dá debaixo da terra.

Era rabugenta ao extremo, tinha uma voz áspera, estridente e falava alto. Era surda. Sua teimosia de vida e gosto pela velhice não conseguiu convencer o seu corpo a dar os sintomas de sua antiguidade existencial. Por isso, ficou surda a partir dos 50 e, desde então, aos berros, ela se comunicava. E isso era vingança. Por ser a caçula da família, quando chorava, choro, naquele lar, já era costume, era som .

Tia Ninica— Renan Menicucci

*Música sugerida para a leitura:
The Waltz of the Monsters - Yann
Tiersen (versão acordeom)*

normal como pássaro que canta em árvore e nenhum ouvido lhe prestasse atenção

O olhar esbranquiçado, característico das irmãs EU (Eutilia, Eurésia, Eudirce, Eulália) também era característico dela, tia Ninica. A única filha do falecido Nequinha que não tinha o nome que iniciara com EU. Quando não era velha, apenas uma meninota de cabelo preto escorrido, olhos fundos e pele branca pálida (prenúncios e sintomas de uma velhice já intrínseca a ela), tia Ninica tinha sido batizada com outro nome, que também iniciava com o ditongo EU, mas esse se perdeu no tempo e nem faz diferença a essa altura da narrativa. Creio que de minha mãe para cá, nenhum parente sabe o verdadeiro nome desta velha. Porquanto, o que se deu por vitorioso foi o apelido Ninica, que lhe caiu bem de certa maneira. Era de baixa estatura, não porque era pequena, mas porque era encurvada. Tinha uma corcunda que aos olhos das crianças soava como ares

fantasiosos de contos medievais. Era uma figura minimamente pitoresca. Teria sido mais feliz se fugisse com um circo para garantir-lhe a vaidade dos palcos.

Além de teimosa e rabugenta, era também curiosa. Por trás dos óculos Ray-ban, onde habitava o olhar esbranquiçado (único traço que compartilhava com as irmãs, visto que o EU no início do nome se perdeu pelas rebatizações que o mundo proporciona), Tia Ninica analisava cada um de maneira superior e desconfiada: das crianças até os mais velhos (mais velhos que ela inclusive, embora não fosse tão provável ter alguém no mundo mais velho que esta mulher), tia Ninica deitava seu olhar atento, analítico sobre tudo e sobre todos. Se tivesse sido bem alfabetizada, certamente seria uma Machadiana feminina. Mas não foi. Por isso, era só uma velha amargurada de todo o largo do Rosário: bairro onde nasceu e iniciou o seu processo de envelhecimento

logo a partir de ter sido tossida pelo ventre de sua mãe.

Tia Ninica era teimosa, rabugenta e curiosa, mas não era nostálgica. Nunca me contou alguma história de seu passado em prosas ensolaradas no meio da tarde. Creio também que não tinha história para contar, afinal, nem nome tinha. Por isso, dedicou-se à vida alheia. Tinha um fascínio quase que freudiano pela vida dos outros. Desta, era uma verdadeira, era uma verdadeira narradora balzaquiana. Ora matava alguém e, logo depois, encontrávamos a pessoa viva a andar pela rua. "Uai, Tia Ninica não disse que este homem tinha morrido? O que está fazendo aqui no bar do Célio?", perguntariam os primos mais ingênuos. A velha ressaltava os mínimos detalhes dos episódios, construindo cenas da vida alheia pública e privada sem nenhum decoro pelo contrato social. Confundia Literatura e História com uma sutileza que jamais vi neste mundo.

[continua >>](#)

Tecia comentários ácidos, mas que ninguém nunca ousara discordar. Algumas maledicências só podem ser ditas por pessoas assim: velhas, cuja morte a todo tempo está se insinuando.

Não teve filhos, não transferiu ao mundo a sua configuração única. Uma pena... Não amou, nem foi amada. Raramente, nos encontros da família, se lembram de tia Ninica que, em uma ensolarada tarde de sábado, desistiu de ser teimosa e morreu. "Até que enfim!" para alguns, "Que fim..." para outros e para ela, em sua lápide, escrito unicamente um "Fim!". Não tinha muito mais o que dizer. O dito foi em vida.

Que falta faz! Um ser injustiçado no mundo que nem o direito ao nome foi lhe dado. Quando lembrada, é dita com muitas hesitações e pés atrás. Lá em casa, se diz tia Ninica entre os dentes. Por isso, resolvi dedicar-lhe esta crônica para fazer à Ninica justiça, não porque mereceu, mas porque é dever do poeta refinar a vida e Tia Ninica não ganharia uma epopeia ou uma elegia, senão esta crônica

minha, uma escrita memorial para que Tia Ninica saia da História e entre, enfim, para a Literatura, lugar que recebe toda a dissidência com a maior naturalidade.

À Ninica, dou-lhe a pátria literária. Mas continua sem o seu nome.

**Tia
Ninica**





Toma de conta— Larissa C. G. Oliveira

Margarida, gente comum, no ônibus contava
ao desconhecido que sentava ao seu lado:
“Meu filho toma de conta da contabilidade”.
Encarna nesse emprego adulto de contar,
um faz de conta, uma brincadeira de seriedade,
em que impera a economia, que rege as leis,
de importância suprema, aos olhos do noticiário,
das empresas e dos governos,
e que conta, quantifica os números, as sobras,
mas pouco sabe fazer contar a vida
como faz dona Margarida.

Margarida

Vingança — Daniela Viana

Era uma manhã de sexta-feira cinzenta do último final de semana de março de 2015, não existia previsão de chuva, tampouco uma gota para molhar o seu pranto. Ainda no banho Izabel ouviu o toque do seu telefone, sentiu uma aflição. Enrolou-se na toalha e foi correndo atender.

Não fazia muito tempo, Izabel recordava as memórias de um amor adolescente que acendeu o seu coração de mulher. Rubens havia sido até aquele momento o seu romance mais ardente, nada mais voltou ao lugar depois do encontro de seus corpos. Um encontro de almas? Pensava... Izabel teve vários namorados em sua vida, mas até conhecer Rubens parecia ter vivido às cegas, desconhecia os seus desejos, suas potências. Após o encontro passou a gozar de uma liberdade sexual jamais imaginada. A intensidade era tanta que aos poucos Izabel foi mudando o visual - um corte de cabelo novo, vestes mais coloridas, interesse por músicas diferentes, as francesas eram as suas prediletas.

Izabel se envolveu com meninos e meninas após Rubens, se apaixonar e desapaixonar não era um mistério, mas, nos intervalos entre seus outros envolvimentos, Rubens sempre reaparecia das trevas ou do céu, tudo se confundia novamente. Às vezes ressurgia nos sonhos de Izabel as faíscas do obstinação por ele, às vezes era Rubens que reaparecia com mensagens aparentemente despretestiosas. Por mais que os dois não quisessem confessar, sempre se colocavam no destino um do outro.

O romance furtivo e eloquente era um combustível para a fértil imaginação de Izabel, bastava alguns encontros noturnos ou uma curta viagem a dois para ela se imaginar na convivência íntima da família de Rubens. Da inconstância desses encontros amorosos Izabel fazia seu alento - apostava no momento que aconteceria um despertar e o amor entraria em cena dando contornos e laços aos dois.

As ausências, a distância, a demora nas respostas das mensagens enviadas para Rubens quase criavam um monólogo entre eles, impondo um sofrimento real na vida de Izabel. Mesmo assim Izabel não se cansava de planejar finais felizes. Rubens se tornou uma obsessão. Mesmo ele ficando ausente por meses, deixava lembranças suficientes para aquecer seu coração em noites de inverno. Na sala vazia, Izabel colocava as músicas da trilha sonora deles, tirava-o para dançar, tomavam vinho, fumavam e planejavam o futuro. Depois, se deitava entre almofadas e travesseiros, repousando os sonhos do seu teimoso coração.

Um dia, Izabel tomou coragem e falou de seus sentimentos a Rubens, que dizia não estar pronto. Um turbilhão de pensamentos sufocou Izabel, um mar sem fim de agitadas ondas a invadiu inteira. xx

Por alguns meses, Izabel seguiu grávida dos sonhos e desejos de uma relação que apenas ela viveu.

Enrolada na toalha, atendeu o

telefone naquela manhã de sexta-feira, era uma amiga de uma cidade pacata do interior de Minas Gerais onde Izabel havia conhecido Rubens. Roberta conta que ele, Rubens, acabara de morrer. Izabel, ainda perplexa do outro lado da linha, começou a sentir uma pequena euforia, uma sensação de felicidade e liberdade incontida tomaram conta de seu corpo. E então, Izabel sorriu, um sorriso que há muito tempo não dava.



BIO
GRA
FÍAS

desFrutadas desFrutados desFrutades



Mandi

Mandi Moreira, natural de Porto Alegre/RS. É artista visual, arquiteta e escritora, não necessariamente nesta ordem. Na revista A desFrutada é uma das idealizadoras, além de diretora de arte e responsável pelas redes sociais. Desde pequena se interessa pela Literatura, em especial pela Poesia. E, para além da escrita, trabalha com pintura, fotografia e ilustrações, como busca de autoconhecimento, memória afetiva e resgate da ancestralidade.

ig: @mandhi.e



Ju

Ju Lopse, escritora e uma das idealizadoras e editora da revista virtual A Desfrutada. É musicoterapeuta de formação e escritora por necessidade. Publicou, em 2021, “Novas sobre ela”, e atua como editora independente na Maralheios, editando o livro “Poliamar”, de Mandi Moreira, em 2021.

ig: @ju.lopse



Artur

Artur Grochocki, desenvolvedor Front-End há mais de dois anos, um dos responsáveis pela criação do site que hospeda e apresenta a Revista Virtual "A Desfrutada". Formado em Administração pela UFPR em 2021 e finalizando (2023) a segunda graduação em Análise De Dados na Estácio. Com projetos desenvolvidos nesses dois anos, ajudei clientes a criar Sites, Landpages e Hotsites.

Contato: digitalbrother0714@gmail.com

Artistas



Gabi

Gabrieli Gonçalves Assusção, ou Gabi Assusção, é uma artista travesti preta que nasceu em 1995 em Atibaia, São Paulo. Ela se formou em artes visuais na FURG e usa diversas linguagens artísticas para provocar e desafiar a sociedade. Sua arte reflete sua identidade e sua luta por igualdade e justiça social. Ela busca dialogar com o público e inspirar uma mudança positiva. Sua voz e sua arte são ferramentas de transformação e evolução social.

ig: [@artistagabi](#)



Carú

Carú Montero é ilustrador e design gráfico, trans não-binário, de 26 anos. Artista independente, nasceu no interior do estado do RS. Ativismo e vivências, são as principais pautas abordadas nas suas artes. ig: [@ilustracaruzin](#)



Paloma

Paloma Piancó, graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais - URCA, natural de São Bernardo do Campo - SP. Participa do coletivo Íaguará e atualmente bolsista da CAPES. Artista independente, trabalha com a ilustração e explora diversas áreas das artes. Se encantou pelo berço da cultura caririense, passando a desenvolver alguns trabalhos através das histórias locais. ig: [@senor_fulangchang](#)



Edra

Edra Moraes, escritora, multiartista e produtora cultural, com sete publicações individuais e participação em diversas antologias. Em 2016, recebeu a Bolsa da FBN para o livro "Para ler enquanto escolhe feijão". Em 2023 o livro foi traduzido para o espanhol e lançado na Argentina, pelo grupo Caravana Editorial. Em 2022 estreou como contistas como o livro "Dispneia Distópica", editora Patuá. Ainda em 2022, recebeu os Prêmios: Obras Literárias Digitais 2020, com o videopoema "Não sou musa, sou poeta", e FCC Digital 2020, com "Desastres Naturais". ig: [@edra_moraes](#)



Dm Tinta

Multiartista, trabalha com arte de rua desde 2013. Permeia entre o pixo, o graffiti e outras tantas identidades visuais existentes na rua. A principal desenvoltura fica por conta da personagem chamada Janet, Janer clair Janet pode. Que é uma tentativa de trazer as mulheres para o contexto urbano. ig: [@dmtinta](#)

Deni

Deni de Moraes é cantora, poetisa, escritora e compositora nascida na cidade de Paulo Afonso/BA. Sempre amou cores, escrever poemas e cantar pelo cantos. É um pouco tímida, mas sempre exalando arte em seus olhos, tendo um estilo próprio de escrever e de falar. Tem como produções próprias, um livro de poesia "Dádivas do Pensamento" (2015), e o cd "Presença e Aventuras" (2017). Atualmente se aventura naquilo que mais ama, que é um novo cenário que ela chama de "arte curativa" ig: [@denidemoraes](#)



Fanny

Fanny Victória é jornalista e pós-graduada em História da Arte e franca admiradora/incentivadora das mais diversas manifestações culturais. Trabalhou por uma década com fotografia comercial, mas agora se dedica a produções autorais nessa área. Em 2016, foi finalista do Mapa Cultural Paulista com o ensaio fotográfico "Altares ao Relento", exposto no Memorial da América Latina, em São Paulo/SP. No mesmo ano, teve uma fotografia selecionada para a publicação no Atlas da Beleza Brasileira, da revista Claudia. De uns tempos pra cá, também vem desbravando o universo da colagem manual – técnica utilizada para criar a imagem "DelZa". ig: [@fan_victoria](#)



Kedma

Kedma Castro é designer de Moda, figurinista, maquiadora e produtora de Moda. A artista conta com um currículo diverso, onde conversa a moda e figurino com a contracultura, ativismo feminista, design digital e ilustração. A arte foi desenvolvida através da criação do Capirota zine punk em 2015 em Belém PA, onde foram feitas varias ilustrações e colagens pela cidade focando o ativismo feminista punk. ig: [@Keedcastro](#)



Dara

Nascida no interior do Rio de Janeiro, Dara Jenifer é nutricionista formada. Além disso, é apaixonada por educação, comida e arte. Trabalhando também como escritora e artista visual. ig: [@daraj.enifer](#)



Aline

Aline Matiutto é formada em Artes visuais e Pedagogia. No momento, atua como professora de Arte desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II. Segundo Aline "quando não estou a desenhar no trabalho, estou a desenhar em casa". Além disso, ama cachorro, ler e ouvir música. E espera o dia em que arte seja valorizada dentro e fora da escola! ig: [@prof_ilustra](#)



Karina

Karina Charupá, nascida e crescida na periferia de Campinas, região metropolitana de São Paulo. O interesse pela fotografia surgiu na adolescência em registrar fotos familiares. Atualmente sua paixão por fotografia vem das suas vivências no feminino e nas situações cotidianas buscando simplicidade e intensidade. ig: [@karinaac23](#)



Autorias

Patrícia



Patrícia Isabella tem 19 anos, é apaixonada por livros desde os 9 anos de idade e escreve desde os 15 anos. Algumas de suas paixões são: música, fotografia, cultura e histórias de vidas. Também ama biblioteca, viajar e passar alguns momentos sozinha [ig: @pat.iisa](#)

Matile



Matile Facó nasceu em Fortaleza, Ceará. Formada em Administração de empresas, rege sua vida além de números e indicadores. Habita no mundo questionando as obviedades e certezas. Artista, compõe seu próprio universo com palavras, desenhos, lembranças e sonhos. [ig: @matilefaco](#)

Ybeane



Ybeane Moreira nasceu em 1985 em Ribeirão do Largo/ BA. Membro 0872 da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB). Autora dos livros Eu, Poesia, Pedro e as Letras do Alfabeto, coautora do livro Entre sonhos e travessuras. Possui várias publicações em antologias, coletâneas, revistas nacionais e internacionais. Mãe de Pedro, pedagoga, assistente social, Especialista em literatura infantil juvenil. [ig: @ybeane](#)

Marcelino



Nascido em São Luís do Maranhão, em 1969. É licenciado em Letras (Português e Espanhol) e especialista em Alfabetização pela UFMA; mestre em Letras pela Uespi. Professor da rede pública de ensino, milita no movimento de professores na oposição sindical e no PSTU-MA. Participação em antologias poéticas: Minuto de tudo, Esboços da Alma, 40 anos (editora Scortecci); Taverna Poética: homenagem a Álvares de Azevedo (Versejar); Parem as máquinas (Selo OfFlip), entre outros. [ig: @marcelinorodrigues30](#)

30xred



Felizardo Pereira Domingos, também conhecido pelo pseudônimo 30-RED, é um escritor africano, nascido em Sambizanga, Luanda. Ele é profundamente enraizado em suas ricas culturas locais. Desde cedo, Felizardo demonstrou sua paixão pela escrita, começando com pequenos textos de poesia e contos, com o objetivo de transformá-los em futuras histórias em quadrinhos - um dos seus grandes sonhos. Seu talento também encontrou expressão na criação de ebook's no Wattpad, com destaque para contos de terror como RESPIRE FUNDO e THE RED. Além disso, seu primeiro conto infantil juvenil "Recantos da Imaginação" está disponível na Amazon Kindle. [ig: @30xred](#)

Larissa



Larissa C. G. Oliveira, nasceu em Campina Grande, na Paraíba, onde frequentou o curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisa, de forma autônoma e também acadêmica, sobre antropologia, psicanálise e psicologia social, e, no mundo literário, publicou em diversas revistas e antologias. Gosta de sonhar e escrever histórias desde que se entende por gente. Para respirar nesse mundo, precisa de uma boa dose de poesia e o antídoto consegue fazer, como um alquimista, através da arte. [ig: @lari_aeon](#)

Daniela



Daniela Viana é enfermeira de formação e poeta por necessidade, feminista, trabalhadora do SUS. Construiu sua experiência profissional na saúde mental, trabalhou por dez anos, sobretudo com mulheres. Provocada pelo universo de cada história que ouviu e pelos desafios de ser mulher em uma sociedade patriarcal encontrou na escrita um alento. Faz parte dos coletivos de escrita Margem e Escribas de Minas. [ig: @danielaviana_poesia](#)

Renan



Renan Menicucci é graduado em Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa, pela UFV, atualmente, mestrando em Literatura, Memória e Cultura, pela Universidade Federal de Ouro Preto, desenvolvendo sua pesquisa acerca da recepção das narrativas bíblicas na Literatura Portuguesa Contemporânea. Escritor com dois livros publicados, dedicando sua poética à pautas LGBTQIA+, bem como memória e cidade natal. Atualmente, publica pela editora A Arte da Palavra e Vivara. [ig: @renan_menicucci](#)

Keth



Keth Braz é poeta, sapatão e amazonense. Escreve o que lhe atravessa, mas não lhe paralisa. Sua essência é feita de versos, poesias e rimas.

[ig: @kethbrazp](#)

Caio



Sou autor de "Cecília", eleito o 4º melhor livro independente de 2022; "Bodas de Madeira", traduzido para espanhol e lançado na Argentina e no Uruguai e "Brisa", livro de contos e poesias. [ig: @caioaraujodeoliveira](#)

Daiane



Daiane Macedo, natural de Caririaçu-CE, encontrou na escrita uma maneira de superar desafios.

[ig: @escritoradaiianemacedo](#)

EscreViventes



Carla

Carla Guerson é escritora, capixaba, feminista, geminiana, mãe, incomodada. Escreve em verso e prosa. É autora dos livros *O som do tapa* (contos, Ed. Patuá, 2021) e *Fogo de Palha* (poesia, Ed. Pedregulho, 2022), idealizadora e coordenadora do Coletivo Escrevientes. [ig: @carlaguerson](#)



Mara

Mara Vanessa Torres é escritora, jornalista e revisora. Autora de poesias oníricas, romances e contos de fantasia de cultivo, ghost stories, ficção especulativa e fábulas. Uma borboleta pousando na lua.

[ig: @maravanessatorres](#)



Linara

Linara Chaves é graduada em Geografia e mestra em ensino por formação, escritora e leitora por escolha e paixão. Nasceu na cidade de Natal-RN, e atualmente mora em Ereré, uma cidade no interior do Ceará. É autora do livro "Diário de confissões de um garoto peculiar" (2022), um romance publicado pela editora Flyve. Possui uma página onde publica seus textos autorais (@Apus.1) desde o ano de 2016. [ig: @linara.chaves](#)



Maribel

Maribel Vazquez é paulistana, mãe de dois, psicóloga, relaxa fazendo amigurumis, escreve desde a adolescência. Começou a colocar seus textos no mundo em 2020. Na escrita encontra seu lugar. Tem contos publicados em coletâneas e revistas literárias e dois livros infantis em parceria com seu filho André Camargo, ilustrador: "Abelardo, estropiado" pela Ed. Caravana e "Refugiadas-escapando de um céu em perigo" pela Tádesoltádelua. [ig: @tangerinacontos](#)



Beth

Canta, dança e sapateia? Não! Elisabeth Amaral escreve para exercer a liberdade de ser, sonhar e criar possibilidades. À parte disso, é mulher engajada em muitas frentes, tem muitos interesses, é mãe e docente. Medita, borda e ama filmes. Viajaaa!!!!

[ig: @bethamaral2](#)



Karen

Karen de Alencar nasceu em Fortaleza (CE), em 15 fevereiro de 1998, é professora de história e poeta. Lançou seu primeiro livro, "De sonho, sangue e poesia", no final de 2021.

[ig: @@sonhosangueepoesia](#)

Fernanda



Fernanda Germano é escritora e estudante de Medicina da UNICAMP. Nasceu em Minas Gerais e, atualmente, reside em Campinas (SP), onde se dedica a projetos sociais de atendimento em saúde para populações de territórios de alta vulnerabilidade social. É autora dos romances "Cegueiras na Calçada" (Voz De Mulher, 2022) e "Pelas Frestas" (Penalux, 2023) e do livro de contos "Pequena Terra Batida" (Patuá, 2023). Colhe histórias por onde passa, revela acontecimentos e garante voz a quem deseja falar também. Faz das visões marginais a escrita e da escrita, a vida. ig: [@fernandagermanno](#)

Milena



Milena Maria Testa é alagoana, colaboradora da revista literária @contosdesamsara, tem especialização em Literatura e cursos de escrita criativa. Conquistou prêmios e publica em coletâneas e sites literários. Sua obra eclética em prosa e verso trata da vivência das dores como processo de humanização. Em 2022, lançou “Cúmplices Insones de Noites Insanas”. Em 2023, o cordel “O Coronel e o Mensageiro do Coronavírus”. Projetos atuais: um romance de formação memorialístico, contos confessionais, poemas em diálogo com a obra de Lêdo Ivo e um romance psicológico com viés no gênero fantástico. ig: [@milmarias.escritora](#)

Joseani



Joseani Vieira é pedagoga, publicitária e escritora, vivo em Roraima. Escrevo crônicas, contos, microcontos e poesias. Coautora do e-book “Mostra Piciá”, das antologias “Pandemia, poemas, contos e microcontos”, “Poesificar - Verbo de Inspiração”, “Natal sempre Natal vol. II” e “Toque de Poesia”. Publico em algumas revistas virtuais. Venci o 3º Campeonato de Microcontos da Editora 3 Serpentes. Participo do Coletivo Escrevientes e do Grupo “O Ato de Escrever”. Amo divulgar a literatura e auxiliar na libertação do freio das palavras. ig: [@joseaniv](#)

Sabrina



Sabrina Gottschlisch, paulista, é feminista, historiadora, professora, mãe. Escreve desde 2020. Em 2021 teve textos selecionados no prêmio Off Flip, e em 2022 lançou o romance juvenil Que Sorte a Minha, na Bienal de São Paulo. Em 2021 foi contemplada pelo ProAc/SP, através do qual lançou o romance Através de Nós em janeiro de 2023. Em abril do mesmo ano lançou o livro de contos Eu Gostaria de Saber qual é a Sensação de Ser Livre. ig: [@sabrina_gottschlisch](#)

Rita



Soteropolitan, Rita Fonseca Chaves cursou Letras e Museologia na UFBA. A escrita é sua parceira de longa data. As reflexões da museologia influenciam a sua poética bem como os estudos em história da arte. Apresenta um conto na Revista Contos de Samsara nº 10, cujo tema é "maçã". Participou de uma publicação intitulada "O que é que a Bahia tem", lançada na Bienal do livro da Bahia pela editora Litteris(RJ). Atua como museóloga e pesquisadora em história da arte. ig: [@ritamfonseca.12](#)

EXPEDIENTE

a desFrutada

E-MAIL: revistaadesfrutada@gmail.com
ig: @adesfrutada

PRODUÇÃO

EDITORA MARALHEIOS (maralheios@gmail.com)
ig: @maralheios

ORGANIZAÇÃO

Ju Lopse Redação
Mandi Moreira Arte

TEXTOS

Maribel Vazquez, Mara Vanessa Torres, Fernanda Germano, Linara Chaves, Milena Maria Testa, Joseani Vieira, Sabrina Gottschlisch, Beth Amaral, Rita Fonseca Chaves, Karen de Alencar, Daiane Macedo, Caio Araújo, Ybeane Moreira, Marcelino Cutrim, Renan Menicucci, Daniela Viana, 30xRED, Keth Braz, Patrícia Isabella, Edra Moraes, Matile Facó

ARTES

Gabi Assusção, Paloma Piancó, Dara Jenifer, Deni de Moraes, Fanny Victória, Dm tinta, Kedma Castro, Carú Montero, Aline Matiussso, Karina Charupá

ARTE DA CAPA

Carú Montero

EDITORAÇÃO

PROJETO E EDITORIA DE ARTE: Mandi Moreira
EDITORIA E REVISÃO FINAL: Ju Lopse
CONSULTORIA EDITORIAL: Anderson Huber
SITE E T.I.: Artur Grochocki





Produção
Editora Maralheios
[@maralheios](https://www.instagram.com/maralheios)